

ECLETISMO ARQUITETÔNICO EM JAGUARÃO: UM ESTUDO

(1870-1940)

LIDIANE CORRÊA ENSSLIN



**Porto Alegre
Dezembro de 2005**

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ARQUITETURA
PROPAR

LIDIANE CORRÊA ENSSLIN

**ECLETISMO ARQUITETÔNICO EM
JAGUARÃO: UM ESTUDO**

Porto Alegre
Dezembro de 2005

LIDIANE CORRÊA ENSSLIN

**ECLETISMO ARQUITETÔNICO EM
JAGUARÃO: UM ESTUDO**

Dissertação submetida ao PROPAR,
Programa de Pós-Graduação em Arquitetura
da Universidade Federal do Rio Grande do
Sul, como requisito parcial para a obtenção
do título de Mestre em Arquitetura.

Orientador: Prof. Dr. Elvan Silva

Porto Alegre
Dezembro de 2005

AGRADECIMENTOS

*Ao meu esposo, Marcelo, meu amigo e
companheiro, pela cumplicidade;*

*A meu pai, José Mário, meu amigo e
referência;*

*A minha adorada mãe, Izaura, amiga e
companheira;*

Ao meu avô, Carlos Adão, pelo apoio;

*Ao meu orientador, Elvan Silva, pelo
estímulo e amizade.*

RESUMO

O objetivo deste trabalho é fazer uma análise tipológica da arquitetura do período eclético na região sul do estado do Rio Grande do Sul, mais precisamente no município de Jaguarão, ou seja, trata-se de uma contribuição sobre o reconhecimento da arquitetura produzida no tempo e no território em análise, onde identificam-se através de um levantamento iconográfico os elementos arquitetônicos que caracterizam a cidade de Jaguarão e que preservados, permitem uma leitura atual do desenvolvimento tipológico de estruturas edilícias produzidas no período em análise. Não se encontrará uma hipótese a ser demonstrada, pois não se trata de uma tese doutoral; na condição de dissertação de mestrado, almeja representar uma contribuição para a indagação sobre o tema do conhecimento da arquitetura produzida no período e no território considerado, a partir da pesquisa e da organização dos elementos levantados. Esta por sua vez, será composta de três partes: a primeira parte que abordará conceitos como partido, tipo, história e ecletismo que servirão como base no desenvolvimento deste estudo, a segunda parte que fala sobre a história do município de Jaguarão, desde sua origem como guarnição militar, as disputas pelas terras entre Portugal e Espanha e a demarcação da fronteira entre Brasil e Uruguai e a terceira parte que retrata o Ecletismo Arquitetônico em Jaguarão, identificando as características formais de cada período, principalmente as regionais que, segundo Glenda Pereira da Cruz, o diferenciam do restante do país.

Palavras-chave: Jaguarão - Estudo Tipológico - Ecletismo

ABSTRACT

The aim of this work is to make a typologic analysis of the eclectic period in the south of the State of Rio Grande do Sul, more precisely in the province of Jaguarão. No hypothesis to be demonstrate will be found, because this is not a doctoral thesis; in the condition of a speech in a master degree it aims herewith to be a contribution in the searching for the knowledge of the architecture generated in the mentioned period and territory, based on the research and organization of the elements that were found. On the other hand, this research will be divided in to three parts. The first one will be about concepts like parties, type, history and eclecticism. Which is the basis of this study, the second part is about the history of Jaguarão from its early beginning as a military crest, the fights between Portugal and Spain for the possession of the lands and the limits of the borders between Brazil and Uruguay and the rest shows the architectural eclecticism of Jaguarão, identifying the formal characteristics of each period, mainly the regional ones, which as Glenda Pereira remarks makes all the difference with the rest of the country.

Key-words: Jaguarão - Typologia Study - Eclecticism

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Formação da cidade, ainda com o nome de Vila del Serrito.....	28
Figura 2 - Planta da Guarda do Serrito 1815	34
Figura 3 - Mapa atual do município de Jaguarão.....	37
Figura 4 - Mapa atual do município de Jaguarão, dividido em setores	38
Figura 5 - Em torno da Praça Dr. Alcides Marques.....	40
Figura 6 - Igreja Matriz do Divino Espírito Santo	41
Figura 7 - Vista de Jaguarão	47
Figura 8 - Portas do Séc. XIX e XX, de grande destaque no Estado	51
Figura 9 - Croqui de Maurício Seibt	55
Figura 10 - Casa de porta e janela, casas geminadas, em série, cachorro sentado, corte do cachorro sentado	56
Figura 11 - Museu Carlos Barbosa	64
Figura 12 - Museu Carlos Barbosa - Fachada Leste	64
Figura 13 - Museu Carlos Barbosa	65
Figura 14 - Museu Carlos Barbosa.....	65
Figura 15 - Museu Carlos Barbosa - Localização e cobertura.....	66
Figura 16 - Museu Carlos Barbosa – Situação e parcelamento do solo	66
Figura 17 - Escola Particular Nelson Wortmann	68
Figura 18 - Residência da Sr ^a Aldiva Alves Corrêa.....	72
Figura 19 - Residência da Sr ^a Aldiva Alves Corrêa – antes	72

Figura 20 - Residência da Sr ^a Aldiva Alves Corrêa – depois	73
Figura 21 - Residência do Sr. Luiz Felipe Amaro da Silveira.....	75
Figura 22 - Plantas da edificação	75
Figura 23 - Corte esquemático	76
Figura 24 - Fachada Sul	76
Figura 25 - Situação e parcelamento do solo, localização e cobertura	77
Figura 26 - Residência do Sr. Carlos Senna.....	79
Figura 27 - Residência do Sr. Carlos Senna.....	79
Figura 28 - Residência do Sr. Carlos Senna – Lambrequim.....	80
Figura 29 - Residência do Sr. Carlos Adão Gonçalves.....	82
Figura 30 - Rua General Marques.....	82
Figura 31 - Detalhes conservados da residência do Sr. Carlos Adão Gonçalves	84
Figura 32 - Residência do Sr. Antônio Carlos Marquês (1885)	85
Figura 33 - Residência do Sr. Nelson Burck da Silva (1899).....	85
Figura 34 - Residência do Sr. Eduardo Corrêa - Elementos de composição Formal	88
Figura 35 - Residência do Sr. João Maria Barreiros	90
Figura 36 - Residência do Sr. João Maria Barreiros	90
Figura 37 - Residência do Sr. Rui Antônio Silva Costa	91
Figura 38 - Residência do Sr. Sidronio Cardoso.....	95
Figura 39 - Residência do Sr. Olavo D’Avila.....	96
Figura 40 - Residência do Sr ^a Carmem Pinho.....	97
Figura 41 - Plantas da Vila Gaspar Scangarelli	100
Figura 42 - Vila Scangarelli	103

SUMÁRIO

Introdução.....	09
1 - Conceito	12
1.1 - Referenciais Teóricos.....	12
1.2 - História e Teoria da Arquitetura Eclética - O Espírito Eclético	14
1.3 - O Ecletismo Arquitetônico e suas características.....	17
1.3.1 - Fases do Ecletismo.....	20
1.3.2 - Características gerais da Arquitetura do Período Eclético	21
2 - História do município de Jaguarão	23
2.1 - Breve História de Jaguarão	23
2.1.1 - A Origem de Jaguarão - sua posição geográfica	27
2.2 - Mapa Atual do município	37
2.3 - Mapa dos Setores	38
2.3.1 - Mercado Público e arredores	38
2.3.2 - Beira do Rio	39
2.3.3 - Praça Dr. Alcides Marques	40
2.3.4 - Museu Carlos Barbosa Gonçalves da Silva e arredores	42

2.3.5 - Ruas Carlos Barbosa e Marechal Deodoro	42
3 - Ecletismo Arquitetônico em Jaguarão	44
3.1 - Ecletismo em Jaguarão	44
3.2 - Aporte sobre os Artesãos	49
3.3 - Linguagem Formal do Ecletismo Arquitetônico em Jaguarão	51
3.3.1 - Primeira Fase - 1870 à 1880	51
3.3.2 - Segunda Fase - 1880 à 1900	69
3.3.3 - Terceira Fase -1900 à 1920.....	86
3.3.4 - Quarta Fase - 1920 à 1940	92
3.4 - Vilas	98
3.4.1 - Vila Gaspar Scangarelli	100
Conclusão	104
Referências Bibliográficas	112

INTRODUÇÃO

Como se espera de um estudo sobre a arquitetura de determinada cidade ou região, este trabalho propõe-se a fazer um levantamento iconográfico e uma análise do desenvolvimento tipológico, partidos utilizados, características formais e funcionais de resoluções em planta baixa, fachadas, volumetrias, programa, elementos arquitetônicos especiais que diferenciam Jaguarão do resto do país e suas alterações no decorrer do período 1870-1940, na Região Sul do Estado do Rio Grande do Sul.

Pode-se dizer que se trata de um estudo que, sob o ponto de vista arquitetônico, implementa uma proposta metodológica de análise implicando consultas a arquivos, análises de realizações arquitetônicas do período, através de diversos dados sobre ambiência da cidade, usos e costumes, clima, e, para tanto, foram feitas consultas à literatura gaúcha e entrevistas com a população, tais como moradores, descendentes dos primeiros proprietários das residências analisadas, ou mesmo historiadores locais.

Além de salientar e descrever as características marcantes do período em estudo, foram identificadas as linguagens arquitetônicas mais utilizadas e alguns aportes de artesãos que contribuíram para o embelezamento de fachadas e volumetrias.

O estudo poderá contribuir para a fundamentação da preservação do patrimônio, como embasamento para criação de novas leis de preservação, além de atuar como fonte enriquecedora de informações sobre o município, que de certa forma servirá como base em projetos de incentivo turístico e cultural, os quais possibilitarão alternativas sócio-econômicas para o desenvolvimento da cidade e região. Houve todo um trabalho prévio, desde a escolha da cidade até a seleção dos espécimens arquitetônicos, para tornar possível uma análise fundamentada no estudo das conceituações de tipologias residenciais ecléticas.

Outro fato que justifica tal trabalho, é a concepção de que o ecletismo encontrado na região sul, mais especificamente no município de Jaguarão é muito especial e específico, pois apresenta características próprias da região, ou seja, se faz de uma cultura compartilhada entre as cidades de fronteira, tendo como caminho e modelo a capital uruguaia, Montevideú.

Segundo entrevista com Prof^a Glenda Pereira da Cruz, Doutora em História e estudiosa da arquitetura riograndense, o ecletismo em Jaguarão possui exemplares que não são encontrados e conhecidos no restante do país, como por exemplo o chamado bolo de noiva, o desenho das portas, vidros e bandeiras, além do uso de inúmeros materiais locais, que facilitaram o desenvolvimento das construções daquela época. Enfim, pode-se dizer que o ecletismo de Jaguarão é diferenciado: suas características são próprias, regionais perante o país e a Europa.

No conjunto, o trabalho estabelece a necessária relação evolutiva entre os períodos arquitetônicos e ressalta suas peculiaridades.

A dissertação compreende três capítulos: No primeiro capítulo são abordados conceitos como, partido, tipo, história e ecletismo. Estes, por sua vez, servirão como base no desenvolvimento deste estudo.

O segundo capítulo fala sobre a história do município de Jaguarão, desde sua origem como guarnição militar, as disputas pelas terras entre Portugal e Espanha e a demarcação das fronteiras entre Brasil e Uruguai.

O terceiro capítulo retrata o ecletismo em Jaguarão, identificando as características formais de cada período do ecletismo e principalmente as regionais que, segundo Cruz, a diferenciam do restante do país.

1 CONCEITOS

1.1 REFERENCIAIS TEÓRICOS

Este trabalho tem sua fundamentação teórica baseada no estudo de acepções e conceituações. Alguns termos foram retirados de bibliografias nacionais e internacionais e outros são termos tipicamente regionais, como os seguintes:

a) Partido

É uma conseqüência formal derivada de uma série de condicionantes, o resultado físico de intervenção sugerida. Os principais determinantes, ou condicionadores do partido são: o clima, a técnica construtiva, as condições físicas e topográficas do sítio, o programa de necessidades (relação entre o uso do edifício e a construção, ou seja, determinações e expectativas para o edifício exercer a função a que foi destinado), as condições financeiras do empreendedor e a legislação regulamentadora e, ou as normas sociais (LEMOS 1980). A palavra **tipo** não representa a imagem de uma coisa a ser copiada ou imitada, mas a idéia de um elemento que deva servir como regra para o modelo [...]. O modelo, entendido em termos da execução prática da arquitetura, é um objeto que deve ser repetido como é; o **tipo**, ao contrário, é um princípio que pode

reger a criação de vários objetos totalmente diferentes (LAVIN, 1992).

Para Silvia Lavin, (1992), a noção de **tipo** reforça a idéia de arquitetura enquanto criação artística, social e intelectual em que se manifesta a base contratual da sociedade. *Quatremère* elaborou um argumento em que a evolução histórica da arquitetura deixa de ser linear, em que tipos arquitetônicos oriundos de distintas culturas e momentos históricos se cruzam, e em que o processo de imitação (mimese direta) se caracteriza pela atividade intelectual criativa de conceber e reconhecer um princípio ideal que estrutura a atuação criadora do arquiteto (LAVIN, 1992).

Segundo as compilações de Edson da Cunha Mahfuz (1995), acerca do conceito, **tipo** é o princípio estrutural da arquitetura, não podendo ser confundido com uma forma passível de descrição detalhada. Toda edificação pode ser conceitualmente reduzida a um tipo, ou seja, é possível abstrair-se a composição de uma edificação até o ponto em que se vêem apenas as relações existentes entre as partes. Após estudo da arquitetura como fenômeno urbano, foi verificado que o tipo se divide em duas partes:

a) Tipos formais

Tipologia independente - a qual fornece um método crítico para a análise e comparação dos fenômenos arquitetônicos (sob o ponto de vista da composição, volumetria [...]);

b) Tipos funcionais

Tipologia aplicada - fornece uma análise dos fenômenos que compõem um todo, independente de qualquer julgamento estético, e permite que se

estabeleça uma relação entre a edificação e usuários.

Lavin (1992) acredita que das reflexões de *Quatremère*, depreende-se a finalidade operativa da análise tipológica em Arquitetura. Não se trata apenas de classificação: serve de apoio a quem projeta, como referência à criação de novos projetos ou a quem está analisando a arquitetura. Neste sentido, a taxonomia passa a ter um caráter funcional, permeando-se a própria metodologia de classificação pela natureza operacional da atuação. Por outra parte, as características do tipo reagem com a técnica, as funções, o estilo, o caráter coletivo e o momento individual do fato arquitetônico.

Enfim, esses conceitos serviram como base para melhor analisar as edificações catalogadas pertencentes ao período eclético.

1.2 HISTÓRIA E TEORIA DA ARQUITETURA ECLÉTICA - O ESPÍRITO ECLÉTICO

A teoria e a história da arquitetura foram escritas, tomando como pontos de referência países desenvolvidos da Europa e os Estados Unidos, estes, por sua vez, serviram como exemplo para o Brasil e inúmeros outros países na construção, na estrutura e no uso de materiais adequados, entre outros. No caso do Brasil estão sendo escritas, bravamente, por alguns arquitetos, poucos historiadores e praticamente nenhum teórico, textos de valor documental. A teoria e a história da arquitetura gaúcha e regional praticamente ainda estão por serem escritas definitivamente, pois muito pouco existe documentado sobre a nossa história, além do difícil acesso e contribuição que encontramos para chegar a determinados documentos que são de fundamental importância para podermos escrever a nossa história. O Programa de Pesquisa e Pós-graduação em Arquitetura da UFRGS e alguns programas de pós-graduação em história

têm servido como destacados incentivadores das atividades de pesquisa no campo da historiografia da arquitetura do Rio Grande do Sul, na medida em que muitos estudiosos, na elaboração de suas teses e dissertações, se voltam para nossa própria produção do presente e do passado, sem se subordinarem a pré-julgamentos arbitrários sobre sua qualidade. Insignes estudiosos do centro do país têm se ocupado da arquitetura brasileira dos séculos XVIII e XIX dos períodos colonial e pré-republicano, mas costumam centrar sua atenção nos territórios nordestino, mineiro, fluminense e paulista, talvez por acreditaram que nada de relevante foi edificado na nossa região. Para esses efeitos, não há, na região sul, aquela arquitetura colonial tão decantada por Lucio Costa, Luís Saia e outros. Também deve ser mencionada a reserva que os adeptos do modernismo ortodoxo expressavam sobre toda a linguagem arquitetônica pregressa não-modernista, da neoclássica à eclética, reserva esta enunciada por próceres como Lê Corbusier e Lucio Costa, por exemplo. Este, ao fazer apologia da doutrina corbuseriana, afirmava, referindo-se à arquitetura convencional produzida no Brasil dos séculos XIX e XX:

Conforme Costa (1962, p. 228):

Deixemos, no entanto, de lado essa pseudo-arquitetura, cujo único interesse é o de documentar, objetivamente, o incrível grau de imbecilidade a que chegamos - porque, ao lado dela existe, já perfeitamente constituída em seus elementos fundamentais, em forma, disciplinada, toda uma nova técnica construtiva, paradoxalmente ainda à espera da sociedade à qual, logicamente, deverá pertencer.

Enfim, são inúmeras as dificuldades para obtermos os documentos necessários, mas através do conhecimento das diversas teorias arquitetônicas já existentes podemos fazer com que elas sirvam de embasamento para tentarmos conhecer melhor a história da arquitetura de nossa cidade, contribuindo com o futuro, com base no passado (SCHLEE, 1994).

Os acontecimentos de um determinado período estudado são o que caracterizam uma investigação histórica. Porém, para um historiador tais acontecimentos são determinados por fatos apresentados de diversos tipos e modos, cabendo ao historiador dar o devido valor às diferentes informações recebidas, conforme a importância significativa histórica que cada um possui. Para se obter tal resposta, é necessário mergulhar a fundo em todo tipo de informação encontrada sobre realidade, pois deste modo saberemos a devida importância de um determinado material histórico.

Enfim, para Jaqueline Viel Caberlon Pedone (2002, p. 19), que realizou seu mestrado no PROPAR - UFRGS, a origem do espírito eclético moderno está relacionado ao Iluminismo, movimento filosófico caracterizado pela confiança no progresso e na razão, pelo desafio à tradição e à autoridade e pelo incentivo à liberdade de pensamento. Esse espírito eclético favoreceu a renovação da arquitetura em termos lingüísticos e ideológicos, a exaustão do arsenal tipológico do academismo de origem renascentista levou à substituição do consagrado léxico por um original. O ecletismo então pôde ser visto como expressão que se contrapôs aos antigos valores monárquicos e que legitimou o discurso de modernidade e progresso colocados pela nova classe dominante ao conjunto da sociedade.

O ecletismo foi um debate dos arquitetos sobre o projeto, sobre a questão de saber como inscrevê-lo na história da arquitetura e como adaptá-lo às condições da época e pode ser considerado como o procedimento que buscou inventar uma arquitetura adaptada aos novos tempos, por meio do uso de elementos e de sistemas escolhidos na história da arquitetura, com o objetivo de criar novas composições. Sem princípios absolutos, as composições seguiram os critérios acadêmicos de simetria e axialidade, em uma nova reunião de partes independentes. A elaboração do projeto de arquitetura passou a integrar todos os

condicionantes da técnica construtiva das diversas tecnologias, consagrando o controle global dos projetos pelo arquiteto. A técnica passou a estar associada aos processos de concepção, e a estrutura formal passou a ser essência da forma arquitetônica. Livre dos ditames do passado e fiel aos princípios acadêmicos, o ecletismo apresentou uma maneira moderna de pensar a arquitetura (PEDONE, 2002, p. 234).

1.3 O ECLETISMO ARQUITETÔNICO E SUAS CARACTERÍSTICAS

O Ecletismo é uma “*démarche*”, uma atitude de espírito, uma habilidade para discussão, uma resolução de não submeter sua ação a algum dogma; é uma investigação apaixonada e paciente da verdade através de múltiplas verdades possíveis, uma busca da beleza sem outro guia que os argumentos de uns e de outros em seu propósito, uma exigência, enfim, da utilidade prática de toda ação e de toda escolha (ÉPRON, 1997. p.11).

O ecletismo propiciou o desenvolvimento de uma linguagem de renovação da arquitetura, onde arquitetos visionários como La Forret, Germano Rodrigues, José Danigno, Joaquim Lino de Souza, Manuel Verdade, Martinho de Oliveira Braga, Polidoro Antônio da Costa, Miguel de Lelis e Gustavo Guimarães tenderam à diversidade, à expressividade e inovaram em suas composições arquitetônicas. Buscava este movimento a conciliação de pontos de vista divergentes, soluções de compromisso entre a tradição e a modernidade e tinha por objetivo resolver suas contradições.

Foi um fenômeno europeu, de origem francesa, marcada pela revolução de 1830, na França. O ecletismo estava ligado ao liberalismo e correspondeu à emergência, entre os arquitetos, de uma nova maneira de pensar a arquitetura como sendo pragmático, concreto, eficaz e moderno. Esta por sua vez, é uma concepção da arquitetura cujas origens remontam à renovação do pensamento filosófico e político, desenvolvida pelo Iluminismo e que tem suas raízes na

segunda metade do século XVIII. O Iluminismo libertou a arquitetura do vitruvianismo de muitas restrições e de muitos preconceitos e do mesmo modo poderia libertar-se e ter liberdade de escolha entre os vários estilos históricos, sem ter de obedecer, como antes, a determinadas normas (FORSMANN, 1999). Se recorrermos ao dicionário, verificaremos que o Ecletismo é

1) Método filosófico ou científico que reúne diversas teses conciliáveis entre si, compendiadas de sistemas distintos, prescindindo do que eles têm de incompatíveis. 2) Escola filosófica representada pelo francês Vítor Cousin, segundo a qual há em todo homem um sentido da verdade, que lhe permite descobrir um fragmento ou aspecto da verdade total. 3 Hábito ou liberdade de escolher o que se julga melhor, na política, nas artes etc. (MICHAELIS, 1998).

Ou seja, o ecletismo descarta a intransigência sectária, preconizando a adoção daquilo que os diversos sistemas têm de positivo e a rejeição daquilo que considera nocivo.

Para Günter Weimer (2003), o ecletismo, em sua fase conhecida como historicista, foi assim denominado pela influência de outras correntes estilísticas. Além do fato de que a teoria hegemônica da arquitetura do período eclético partia do princípio de que as grandes obras de arquitetura já haviam sido realizadas e que as novas realizações deveriam se inspirar em modelos do passado. Esta definição implica que o historicismo exclua a arte nova porque esta usou como fonte de inspiração a natureza em lugar das obras do passado.

O historicismo apresentou uma extraordinária vitalidade no Brasil e se caracteriza por apresentar produção muito diversificada nas diversas regiões do país. Sua vitalidade deve-se ao fato de ter desempenhado um papel primordial no desenvolvimento cultural do país (WEIMER, 2003, p. 283).

Para Pedone (2002, p. 118), o historicismo tem seu lugar no período eclético; porém, tais conceitos não se confundem, pois a intenção do ecletismo não é de inscrever o edifício em uma construção ideológica da história, mas, ao contrário, situá-lo na conjuntura do momento. Tanto o historicismo como o ecletismo, se situam em um momento da história da arquitetura no qual não existe mais doutrina arquitetônica suficientemente reconhecida para impor a forma das novas edificações.

O ecletismo do século XIX não foi um acontecimento exclusivo da cultura européia. Ele se deu no mundo inteiro, sendo que, no caso de Jaguarão, foi influenciado por fatores regionais, oriundos do país vizinho, o Uruguai, e da vizinha cidade de Pelotas, que alcançou grande prestígio e importância no país, com o apogeu da produção e comércio do charque, propiciando o desenvolvimento de toda a região.

Outro fato importante, segundo Pedone (2002, p. 103), é que os arquitetos do ecletismo, na busca do espírito eclético, tinham clareza de que a imitação de formas antigas não representava seu próprio tempo e procuravam um novo estilo. Todos concordavam sobre uma questão: o problema era construir para a época, fazer a arquitetura expressar o seu tempo com um estilo autêntico, diferente dos estilos do passado, sintetizando a verdadeira concepção de uma arquitetura moderna relacionada com as novas realidades sociais e tecnológicas, causadas pela industrialização. Nessa ótica de progresso, a opção do ecletismo foi não romper com a história. Os arquitetos acreditavam que a arquitetura da época seria uma arquitetura de transição, ela deveria estabelecer a ligação entre a arte e o progresso, entre as tradições e os novos valores; e a vontade de conservar um equilíbrio entre esses dois pólos, sendo esta uma das características do ecletismo.

1.3.1 Fases do Eclétismo

Segundo estudos de Andrey Rosenthal Schlee (1994), a evolução do Eclétismo se subdividiu em três correntes principais:

- a) A da composição estilística ou eclétismo historicista, que contempla a adoção imitativa de forma que, no passado, haviam pertencido a um estilo arquitetônico único e preciso. Engloba as construções chamadas neoclássicas, neogóticas, neogípcias, neo-românicas, neomouriscas, neomanoelinas, entre outras. Contempla a adoção imitativa de forma que, no passado, haviam pertencido a um estilo arquitetônico único e preciso;
- b) a do historicismo tipológico ou eclétismo tipológico, que implica escolhas prévias de cunho analógico ou de referências que orientam o estilo quanto à finalidade a que se destina o edifício a ser construído. Nesse sentido, surgiram templos identificados com a Idade Média; edifícios públicos, com a Renascença; museus, com o classicismo coríntio; teatros, com o barroco; entre outros. Neste período, incluem-se correntes estilísticas que influenciaram na composição formal da construção e alguns acontecimentos sobre o que causou a arquitetura dita clássica na América Latina;
- c) a dos pastiches compositivos ou eclétismo deliberado, que se caracteriza por soluções estilísticas até então inéditas, tanto no terreno da invenção quanto da mistura de elementos arquitetônicos, gerando obras únicas. Inclui as chamadas colagens imaginosas, resultantes da composição intencional de elementos estilísticos diversos.

Além dessas subdivisões podemos caracterizar os períodos, de um modo geral, da seguinte forma seqüencial: pela existência de uma classe dominante escravista; pela existência de uma classe dominante escravista e pelo aparecimento de uma camada intermediária, a pequena burguesia; pelo domínio definitivo da burguesia, com o alastramento das relações capitalistas.

1.3.2 Características gerais da arquitetura do período eclético

Assim, resumidamente, podemos caracterizar morfologicamente a arquitetura da linguagem eclética, como conceituada por Schlee, pelos seguintes aspectos:

- a) é uma arquitetura pura, simples, de volumes com faces retangulares, bastante definidos, cuja plasticidade resulta da utilização de rígidos esquemas compositivos reinterpretados da busca de elementos da tradição clássica;
- b) é uma arquitetura de clareza perfeita;
- c) suas paredes eram de tijolos de barro, caracterizada pela utilização constante de sistemas estruturais simples em alvenaria portante;
- d) os projetos ecléticos buscam a qualidade estética, o embelezamento externo, além de ter necessidade de afirmação por meio de realizações de obras singulares, identificadas com a arquitetura de tradição clássica;
- e) é uma arquitetura artesanal que, a partir da década de 70 do século XIX, devido à comunicação com países europeus, passou a incorporar

alguns elementos industrializados, na sua maioria importados, sendo eles, grandes contribuidores para a estética de tais projetos, como por exemplo, o uso do ferro;

- f) é uma arquitetura bastante rica em elementos decorativos derivados diretamente do mundo da tradição clássica;
- g) a arquitetura eclética busca afirmação através da contraposição de uma linguagem em relação à do período anterior: trabalha com materiais simples e disponíveis acrescidos de outros nobres e importados;
- h) é uma arquitetura que busca um sentido simbólico nas construções, identificado pela busca, a recuperação e utilização de formas e elementos que haviam pertencido a um estilo arquitetônico de outro período épico;
- i) é evidente a relação entre projeto e solo, no qual se apóia.

É importante salientar que a subdivisão do ecletismo feita por Schlec cabe não somente a cidade de Pelotas, ou seja, em Jaguarão podemos encontrar tais características, mas com exemplares menos ostentosos. Além disso, pode se dizer que, o que diferencia a arquitetura eclética de Jaguarão é a mescla de características encontradas no estado e principalmente na cidade de Pelotas, que por sua vez no período tinha grande importância perante o país e características do período eclético encontradas no Uruguai. Outro fator que contribui para essa diferenciação foi o uso de mão de obra e materiais locais.

2 HISTÓRIA DO MUNICÍPIO DE JAGUARÃO

2.1 BREVE HISTÓRIA DE JAGUARÃO

Segundo Ana Lúcia Oliveira o período histórico desde a formação do município pode ser subdividido em datas e épocas relevantes que influenciaram na produção arquitetônica local.

Colonial (1800-1822)

1790 - Requerimentos de sesmarias na costa do Rio Jaguarão e Lagoa Mirim,

1801- Guerra entre as Coroas de Espanha e Portugal;

- Instalações da guarda da lagoa e do cerrito, com a finalidade de proteção da fronteira, sendo comandante Manoel Marques de Souza;

1801/12 - Jaguarão pertencia ao município de Piratini;

1802 - Rua da casa da residência (residência do comandante);

1806 - Chegada da Família real (D.João VI), criação de uma monarquia autoritária e centralizadora;

1811/13 - Reclamação da viscondessa de Bagé pela propriedade onde instala-se a freguesia;

1812 - Freguesia do Espírito Santo de Jaguarão em 31 de Janeiro;

1813/1844 - Provisões régias de demarcação dos limites da municipalidade.

- Mapa de Maurício Inácio da Oliveira;

1814/22 - Concessão de chácaras suburbanas de pouca extensão;

1815 - 1 - Planta urbana, iniciativa do comandante da guarda. Levantada por João Vieira de Carvalho (aproximadamente 1810)

1820/25 - Província Cisplatina (prossessão portuguesa da Banda Oriental);

Neste período a economia do município baseava-se em atividades pastoris e comerciais;

1822 - Independência do Brasil, desagregação do sistema colonial;

Imperial (1- Fase- 1822/1850)

1822 - O fato da independência foi mera transformação política, exigência do liberalismo inglês para dar fim ao monopólio da Coroa de Portuguesa, mesmo assim permanecia intocável o escravismo, alicerce da acumulação do capital;

Com a independência, o regime passa a ser imperial, mantendo-se através de uma monarquia centralizadora e autoritária, o que passa a gerar uma série de conflitos entre o poder central e as províncias longínquas;

1825 - Fim da província Cisplatina/guerra da cisplatina;

1828 - Independência do Uruguai (“Estado Tampão”);

1831 - Abdicação de D. Pedro I (regência trina);

1832 - Elevação da Freguesia a Vila do Espírito Santo do Cerrito (12 municípios da Província de São Pedro do rio grande);

1833 - Criação da Câmara Municipal;

-População de 5.457 habitantes;

1835/1845 - Revolução Farroupilha;

- idéias federativas e republicanas;

- ligações com o rio da prata;

- Província de São Pedro sobretaxada pelo império na produção do charque;

- Comandante da fronteira Cel. Bento Gonçalves da silva;

- Presidente da Câmara Municipal Manoel Gonçalves da Silva;

1840 - Golpe da maioria de Dom Pedro II;

1845 - Paz de Ponche verde. Duque de Caxias, Presidente da província (os presidentes das províncias eram indicados pelo governo central na época havia o domínio da aristocracia cafeeira).

Imperial (2 - Fase- 1850/1890)

1851 - Câmara Municipal compra terreno da atual prefeitura para sua instalação;

1854 - Existiam 9 charqueadas abatendo 4.100 reses/ano;

1855 - Existiam 7 charqueadas abatendo 7.600 reses/ano;

- Elevação da vila a categoria de cidade, lei provincial de numero 322 de novembro/23 sendo a quinta cidade da província pertencendo-lhe a freguesia do Herval e de Arroio Grande;

- Câmara Municipal passa a conceder os terrenos da municipalidade;

- Epidemia de cólera Mórbus;

1856 - Eliminação das trincheiras na rua do mesmo nome (1846), atual Odilo Marques Gonçalves;

- Construção do cais;

1858 - População de 12.999 habitantes (5.056 negros);

1865 - Invasão dos “brancos” (Brasílio Munoz) em 27 de Janeiro – “Cidade Heróica”;

1865/1870 - Guerra do Paraguai/Tríplice Aliança (Brasil, Uruguai, Argentina);

1871 - Soc. Emancipadora Jaguareense;

1872 - 1636 escravos/1877- 142 escravos;

- Códigos de posturas (“Décima Urbana”);

1874 - Fica suspensa a navegação através da lagoa Mirim nos rios Uruguaios Tacuari Cebollaty;

1882 - Clube republicano- Manoel de Deus Dias e Carlos Barbosa Gonçalves;

1883 - Jaguarão quarta cidade da província;

- População entre 10.000 e 12.000 habitantes;

1884 - Instalação da ferrovia Rio grande/Bagé;

1885/86 - Calçamento das ruas do município com macadame (10 metros de Largura) e passeios Públicos (1.75 metros de largura) com lages de grês e ladrilhos hidráulicos (“Cidade velha”);

1888 - Abolição da escravatura “Lei Áurea”- 13de maio;

1889 - Proclamação da república- 15 de novembro;

1890 - População 10.761 habitantes (a última década do século XIX é a fase áurea da construção civil na cidade de Jaguarão. Além disso, nesta década intensifica-se a imigração no estado).

Republicano (1- Fase- 1890/1930)

1891 - 1 constituição do Brasil, idéias positivistas (Auguste Conte);

1891/98 – Júlio Prates de Castilhos, presidente da província do Rio Grande do Sul;

1893/95 - Revolução Federalista;

1898 - Código de Posturas- Regulamentação das dimensões dos vãos; Ocupação do terreno; Áreas de iluminação e ventilação, Áreas mínimas; proporção entre altura das fachadas e largura das ruas e colocação de letreiros;

1900 - Tratado de condomínio da lagoa Mirim e do Rio Jaguarão (Barão de Mauá);

1908/13 - Presidente da província Carlos Barbosa Gonçalves;

1910 - (Aproximadamente) - Reurbanização da “cidade nova” (avenidas mais largas com arborização).

1922 - Nova Urbanização;

1914/17 - Primeira Guerra Mundial;

1917 - Código civil brasileiro;

1922 - Semana de Arte Moderna;

1923 - Revolução de 23 (Assis Brasil);

1924 - Coluna Prestes (militares da região das missões);

1928 - Partido libertador, com idéias federalistas (Getúlio Vargas);

1930 - Revolução de 30 - Getúlio Vargas, Presidente do Brasil;

- inauguração da Ponte internacional Barão de Mauá (primeira ponte internacional);

Republicano (2- Fase- 1930/1945)

1930/45 - Ditadura Vargas;

1931/37 - Flores da cunha interventor no Rio Grande do Sul;

1932 - Inauguração do ramal da estrada de ferro para Jaguarão (VFRGS);

1935 - Criação do sistema de esgoto (Pref. João Alêncio de Azevedo);

- “Intentora Comunista” (levante armado nos quartéis);

- Este período é de grandes transformações sociais, criaram-se indústrias, estatais, legislações trabalhistas (clt) e infra-estrutura de prestação de serviços.

1937 - “Estado Novo” ou “República Nova” – Plano Cohen;

- Constituição de 1937 (reformas administrativas);

- Decreto-lei número 25 de 19 de Novembro de 1937 (institui a proteção do patrimônio histórico e artístico nacional);

1939 - Segunda Guerra Mundial (Oliveira, 1992.p.23,24,25)

Enfim com base em estudos nos períodos da história podemos concluir que, com as grandes transformações nos diversos setores houve um grande declínio no desenvolvimento do município com relação ao início do século que por sua vez, naquele momento teve seu apogeu.

A partir de 1940, é notório que, não houve obras enfáticas residenciais no município de Jaguarão e as edificações que caracterizam o período da Arquitetura Moderna na cidade se fazem de obras públicas como: escolas, correios, cinema, instituições bancárias e demais órgãos públicos do governo.

2.1.1 A origem de Jaguarão - sua posição geográfica

A região sul do Brasil tem por origem de formação o reflexo de uma longa história entremeadada de lutas de posse entre as Coroas de Portugal e Espanha sobre os territórios onde hoje se encontram o Estado do Rio Grande do

Sul e o país vizinho, Uruguai.

Grande parte da produção arquitetônica e desenho urbano das regiões de fronteira dos dois países resultou numa paisagem urbana com muitas semelhanças, cujas características advêm das duas culturas, a hispânica e a portuguesa, sendo que a colonização predominante é a portuguesa, com forte influência espanhola. De fato, no século XIX e início do século XX, Jaguarão, quando não pioneira, sempre esteve acompanhando de perto o progresso e o desenvolvimento de comunas maiores, como Pelotas e a capital do país vizinho, Montevideú.

Jaguarão, estando localizada numa região cuja marca histórica são as constantes crises geradas por seu isolamento na distante fronteira e as disputas militares, contraditoriamente apresenta uma arquitetura e componentes da estrutura urbana da cidade, que impressionam pela qualidade e requintes construtivos, refletindo riqueza, progresso e atualidade, por sua relação com símbolos de uma determinada época.



Figura 1 - Formação da cidade, ainda com o nome de Vila del Serrito
Fonte: Arquivo do Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão

Nessa fronteira isolada e distante dos centros do poder, onde os interesses e as disputas pela posse das terras a transformaram em território militarizado, com reflexos na sociedade que ali se formava, nasceu o município de Jaguarão, primeiro povoamento da zona de fronteira Brasil e Uruguai. Surgiu em razão dessa posição geopolítica e se beneficiou da colonização estimulada para consolidar a posse da área.

Sua economia sempre esteve ligada à condição fronteiriça, com investimentos públicos na área militar, no corpo de funcionários para administração e no controle aduaneiro e fazendário.

Desde sua origem, a cidade foi um centro importante na região. Primeiro, como posto militar e depois, acrescentando outras funções como o controle aduaneiro, indústria agro-pastoril, comércio e criação de gado. Sua vinculação ao rio da Prata e à indústria do charque(carne salgada) e do couro, proporcionou a essa área grande destaque econômico e político.

A cidade de Jaguarão situa-se às margens do rio do mesmo nome e próximo à Lagoa Mirim, posição geográfica que facilitou o escoamento do contrabando de gado através de campos neutrais, Zona Neutra entre a Lagoa e a costa marítima estabelecida no Tratado de Santo Ildefonso, em 1777, entre as Coroas de Portugal e Espanha, que definia por onde passar a linha demarcatória, ou seja: a navegação da Lagoa dos Patos e o acesso a ela pelo mar pertenceriam a Portugal, seguindo uma linha meridional até o Arroio Taim, seguindo pelas margens da Lagoa Mangueira, em linha reta, até o mar e pelo continente a linha deveria passar pelas margens da Lagoa Mirim, tomando direção pelo primeiro arroio meridional que entra no sangradouro. Ora, quanto a esse arroio, ficaram

dúvidas, se ele seria o Rio Piratini, pois o tratado fala no forte português de São Gonçalo, que fica na margem sul do Piratini, portanto terras portuguesas e para quem o próximo arroio seria o Arroio Grande. Para essa indefinição havia outro artigo, que dizia que acertassem as partes um meio-termo de comum acordo. Apesar do Tratado e devido às comissões não chegarem a nenhum acordo, a faixa territorial entre o Piratini e o Jaguarão entre 1790 e 1801 foi objeto de um jogo entre as coroas. Ainda mais que a coroa portuguesa começou a conceder sesmarias ao sul de Piratini. Segundo requerimentos de sesmarias existentes no Arquivo Histórico do Estado e relativos ao período entre 1790 e 1792, pode-se verificar que se fizeram concessões de terras junto à costa do rio Jaguarão, da Lagoa Mirim e dos seus afluentes, sem maior atenção às regras do Tratado de limites. Nessa época é que se desenvolveu a indústria saladeril. A cidade foi palco de ferrenhas lutas de posse de fronteiras.

O povoamento do município de Jaguarão com difíceis vias de comunicação, tais como a da costa oriental, a do Arroio Grande e a do Herval, iniciou em princípios de 1791, pelo Brigadeiro Rafael Pinto Bandeira. Em 1791, moradores das proximidades do Piratini pediram que uma capela fosse erguida no seu povoado. Em 1810 foi elevada a freguesia a comarca que era constituída pelas atuais cidades de Bagé, Piratini e Jaguarão. Em 1812, Jaguarão separou-se e foi elevada à categoria de freguesia, com as comarcas de Herval e Arroio Grande.

Em 1801 a Espanha declarou guerra a Portugal e este perdeu terras. Mesmo assim nenhuma das coroas cogitou terras nas províncias do ultramar, e aqui a demora das notícias fez com que a expansão do domínio português no sul do Brasil continuasse. Nesse ano ficou definitivamente definida a atual conformação geográfica do Rio Grande do Sul, conquistando-se as Missões, dilatando-se a fronteira oeste, ocupando-se os chamados “campos neutrais” entre o Taim e o Chuí e fixando-se a divisa de Jaguarão.

Ao encerrar-se o ano de 1801, a situação da fronteira de Jaguarão se apaziguava. O marquês espanhol Dom Rafael de Sobremonte aceitou o fim das hostilidades e passou a trocar correspondências com o Cel. Manuel Marques de Souza, ainda no acampamento de Jaguarão Chico. Nesses documentos se observa que a necessidade de defesa da linha do Jaguarão trouxera forças regulares e milícias e depois do acerto de fronteira as companhias milicianas foram embora. Após esses acontecimentos, Marques de Souza fixou-se com suas tropas no “lugar denominado Serrito, na costa da lagoa”, para melhor segurança e comodidade da tropa. Entende-se que esse local, onde hoje se encontra a cidade, é, portanto, às margens do rio Jaguarão, e que a parte navegável fosse entendida como “Costa da Lagoa”, mesmo porque não existe Serrito próximo a esse local. Em documentário, Marques de Souza fala da remoção do destacamento dos dragões para a margem do Jaguarão. Talvez nessa época tenha começado a povoação de Jaguarão, já sob o comando do Major Vasco Pinto Bandeira.

Sabe-se que em 1802 foi erguida a primeira “Casa da residência” para os comandantes da Guarda, na rua hoje denominada General Marques, conhecida na época como “Rua da Residência”.

De 1802 a 1811 o clima de hostilidades diminuiu na fronteira, de modo que as atividades do comandante graduado e a praça da Guarda do Serrito voltaram-se para as atividades pastoris e comerciais. Nesse período, Jaguarão era conhecido como “Guarda da Lagoa e do Serrito”. Em 31 de janeiro de 1812 passou a denominar-se “Freguesia do Espírito Santo de Jaguarão”, sendo Governador e Capitão geral da Capitania do Rio Grande do Sul Dom Diogo de Souza. Foi elevada à categoria de “Vila” a 6 de julho de 1832 e, por decreto provincial de 23 de novembro de 1855, subiu à condição de “Cidade”, época em

que pertenciam a seu governo as freguesias do Arroio Grande e do Herval.

De 1811 a 1813, com o crescimento da população, houve pedido e concessão de lotes pelo Governador D. Diogo de Souza, suspensa pelo Príncipe Regente, solicitada pela Viscondessa de Magé que reclamava a posse das terras.

No tratado de Santo Ildefonso, havia zonas do território em que as partes não chegavam a um acordo e por causa disso eram configurados como “campus neutrais”, ou seja, na prática, terra de ninguém. Um destes territórios situava-se no entorno próximo à Lagoa Mirim e no rio Jaguarão, intensificando-se o comércio clandestino na região. De um lado para o outro cruzavam gado, couro e prata; desde o lado português várias mercadorias eram enviadas, mas havia a marcada preferência platina pelo tabaco, escravos e tecidos, entre outros produtos.

É importante destacar que os militares que participavam das comissões de demarcação na área de fronteira tiveram uma atuação destacada na construção dessas incipientes povoações, que surgiram junto às instalações de defesa e contribuíram efetivamente com seus conhecimentos técnicos e, inclusive com a mão de obra dos soldados, para a execução de obras urbanas e rurais.

As atividades da pecuária e as charqueadas, tendo como sustentáculo econômico, a região central e as fronteiras sul e sudoeste, serão o principal ramo da riqueza sulina até o início do século XX.

Outro fator incisivo era a falta de estradas de rodagem ou de ferro, o que reduzia as comunicações ao transporte por água. Dessa forma, o município de Jaguarão possuía o privilégio de localizar-se às margens de um rio que, de certa maneira, possibilitava o seu desenvolvimento.

Enfim, pode-se dizer que Jaguarão tem sua origem atribuída à existência de uma guarnição militar instalada naquela zona de fronteira.

O documento que se encontra transcrito logo abaixo é referente ao que foi assinado por uma Provisão Régia em 1813, onde o Príncipe determina quais as terras da Viscondessa e quais as destinadas à povoação da cidade.

- Hei por bem (...) declarar que a doação por mim feita à Viscondessa de Magé, do Rincão do Cerrito, compreende todo o terreno que se denomina “Estância ou Postos Espanhóis do Serrito e Rincão da Cavahada”, excluída a estância do Tenente Francisco Antônio D’Ávila e o território denominado “Guarda do Serrito”, em que estão os quartéis da mesma guarda, a capela e mais moradores para os quais e para os que para o futuro aí se estabelecerem, ficará reservado o terreno entre os dois arroios ao longo do Rio Jaguarão, com meia légua de fundo (FRANCO, 1980 p. 48.)

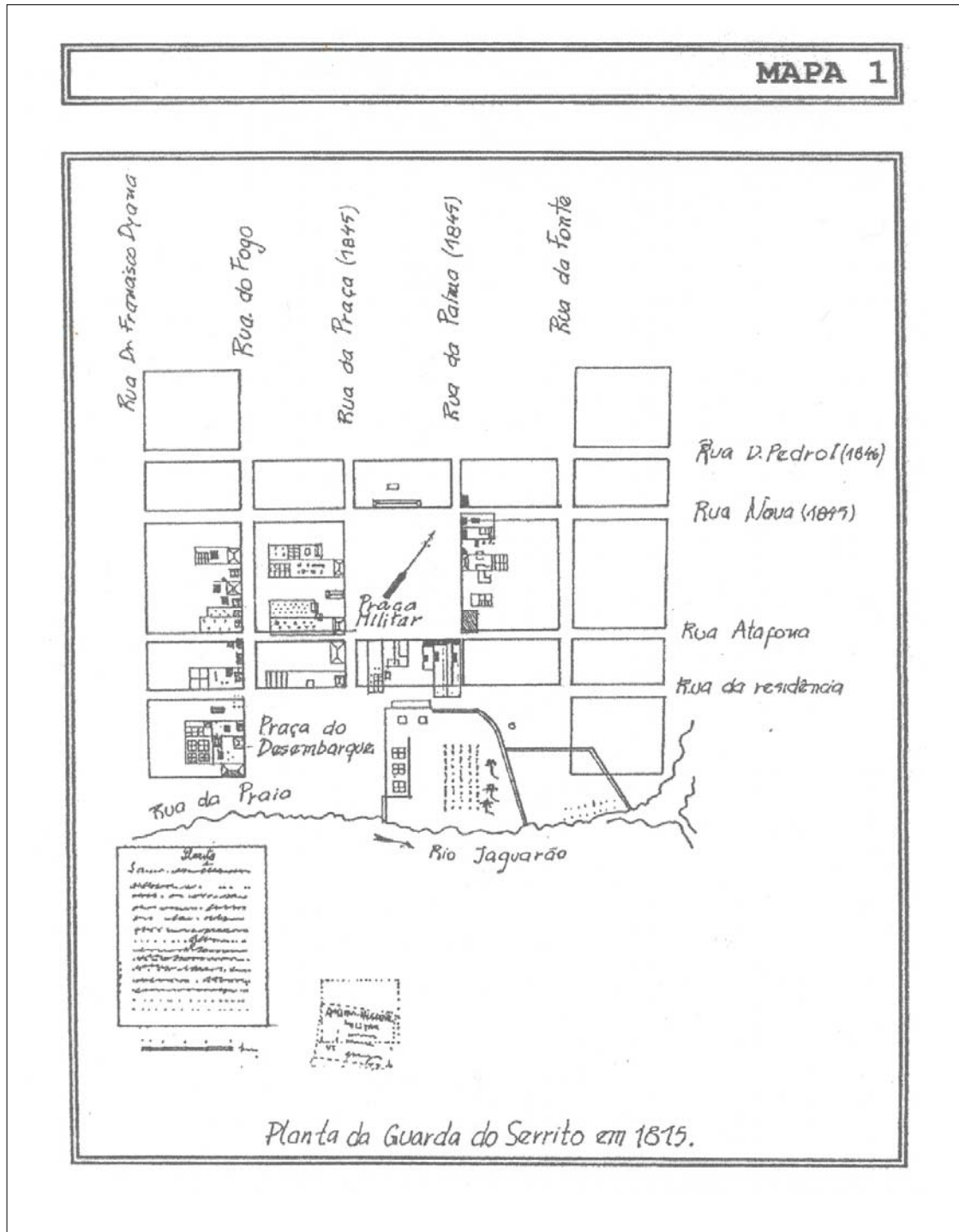


Figura 2 - Planta da Guarda do Serrito 1815

Fonte: PRIJ – Programa de Revitalização Integrada de Jaguarão

Feita a medição das terras e elaborado um mapa, não tardou que o Comandante Manoel Marques de Souza, solicitasse um plano de urbanização, feito pelo Sargento-Mor do Real Corpo de Engenheiros, João Vieira de

Carvalho, plano este aperfeiçoado na planta de 1815 (mapa 1).

Sérgio da Costa Franco ressalta que, por esta planta urbana, é percebido o acampamento militar, a rua da residência (atual General Marques), a Praça do Desembarque, a Praça da Matriz (atual Alcides Marques) e a densificação que ocorre com mais intensidade na face leste das ruas.

A cidade se desenvolve num terreno de formação rochosa, ondulado, aclives acentuados, conformando cerros que possibilitam a instalação de pontos estratégicos já na época das guardas espanholas, durante os conflitos das Coroas. Em 1804 o Comandante da Fronteira envia relatório à junta da Real Fazenda da Capitania contando que os espanhóis, na década anterior, tinham estabelecido ao norte do Rio Jaguarão as Guardas do Serrito, do Quilombo, de São José e de Santa Rosa. Segundo Costa Franco, a Guarda Espanhola do Serrito teve sede nos subúrbios da atual cidade de Jaguarão, mas não se sabe precisar o local exato.

Em 1865, o Conde D’Eu, quando passou por Jaguarão, comentou:

À roda da cidade vêem-se, irregularmente disseminados, princípios de fortificações guarnecidas de algumas peças de artilharia. Quer fosse em virtude destes imperfeitos meios de defesa, quer em conseqüência da enérgica atitude que tomou a guarda nacional, Jaguarão escapou, a 27 de janeiro deste ano, de ser saqueada pelos “blancos” (D’Eu, 1981). Este fato é comemorado como um grande momento histórico da cidade, cabendo-lhe por isso a alcunha de “Cidade Heróica”. Segundo as atas da Câmara Municipal, nesse confronto houve muitas perdas (APONTAMENTOS PARA UMA MONOGRAFIA DE JAGUARÃO, 1912).

Este episódio é relatado com clareza pelo Comandante da Guarnição na época, Coronel Manuel Pereira Vargas, cujas declarações transcrevemos a seguir e que representam inestimável contribuição para o conhecimento da história de Jaguarão.

Ninguém nesta província ignora os graves e horrorosos atentados cometidos à fronteira de Jaguarão, pelas forças invasoras a mando de Basilio Muñoz, nos dias 27,28,29 de janeiro de 1865; e grande é a responsabilidade que pesa sobre o culpado.

Achava-me no comando da guarnição e fronteira de Jaguarão na ocasião da invasão; e, bem ao meu pesar vejo-me obrigado a apresentar as provas do meu procedimento.

A guarnição e fronteira de Jaguarão não tinham armamento e forças suficientes para a defesa e segurança da mesma guarnição e fronteira.

É pública a grande coragem nos seus bravos defensores, a maneira digna e heróica porque foram repelidos os celerados que ousaram atacá-la no dia 27 de janeiro.

A 5 de janeiro chegava à fronteira mais cento e tantos praças de Cavalaria da Guarda Nacional dos municípios de Piratini e Canguçu e com as que já existiam destacadas, organizou se o décimo quinto Corpo Provisório de Cavalaria para guarnecer a fronteira.

Dias depois, destacou o vigésimo oitavo corpo de cavalaria do município de Jaguarão do comando do Sr. Tenente-Coronel Balbino Francisco de Souza com 200 praças.

Estes 2 corpos formavam um estado efetivo de cerca de 500 praças, inclusive oitenta e tantos destacados nas Guardas da Linha Divisória em diferentes passos do Rio Jaguarão.

No dia 19 de janeiro recebi participações do movimento de forças crescidas dos Blancos que se aproximavam do Cerro Largo no Estado Oriental.

Tinha saído a percorrer a fronteira, quando soube à margem do telho que tinha chegado, no dia antecedente, ao Cerro Largo, uma força de Blancos, cujo número não souberam dizer-me ao certo.

Particpei imediatamente tais notícias à presidência da Província e ao Exmo. General comandante das forças em guarnição nesta província. Enfim, a cidade foi guarnecida e resistiu aos ataques até a noite do dia 27 de Janeiro, auxiliada pelas peças dos vapores de guerra “Apa” e “Cachoeira”, cujos tiros lançavam grande desordem nas fileiras inimigas e nesta mesma noite retirou-se o inimigo pela costa do Rio Jaguarão, praticando toda a sorte de atentados, assassinando, arrombando, saqueando e arrebanhando toda a cavalaria e escravos que encontrava.

Manoel Pereira Vargas

2.2 MAPA ATUAL DO MUNICÍPIO

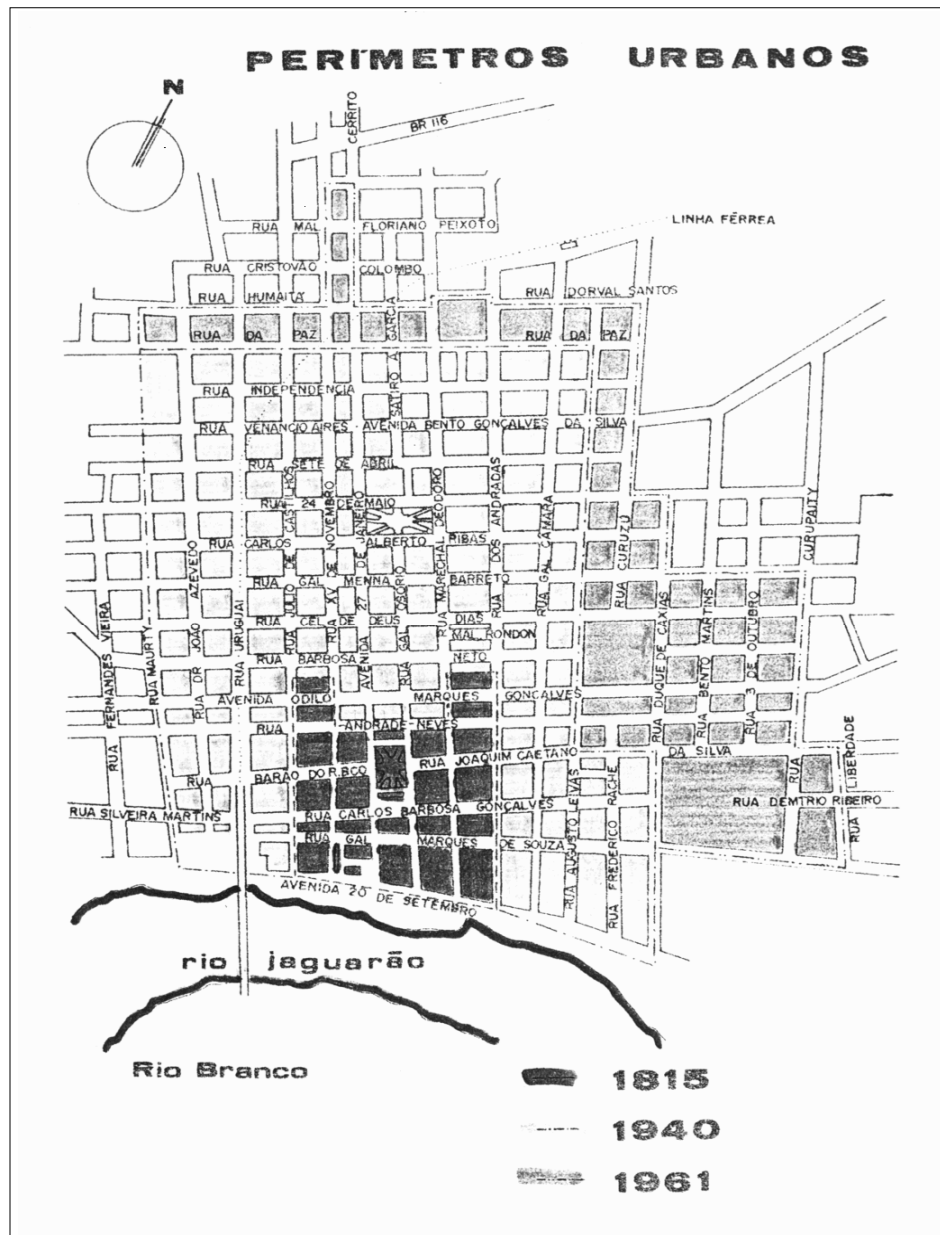


Figura 3 - Mapa atual do município de Jaguarão
 Fonte: PRIJ – Programa de Revitalização Integrada de Jaguarão

2.3 MAPA DOS SETORES

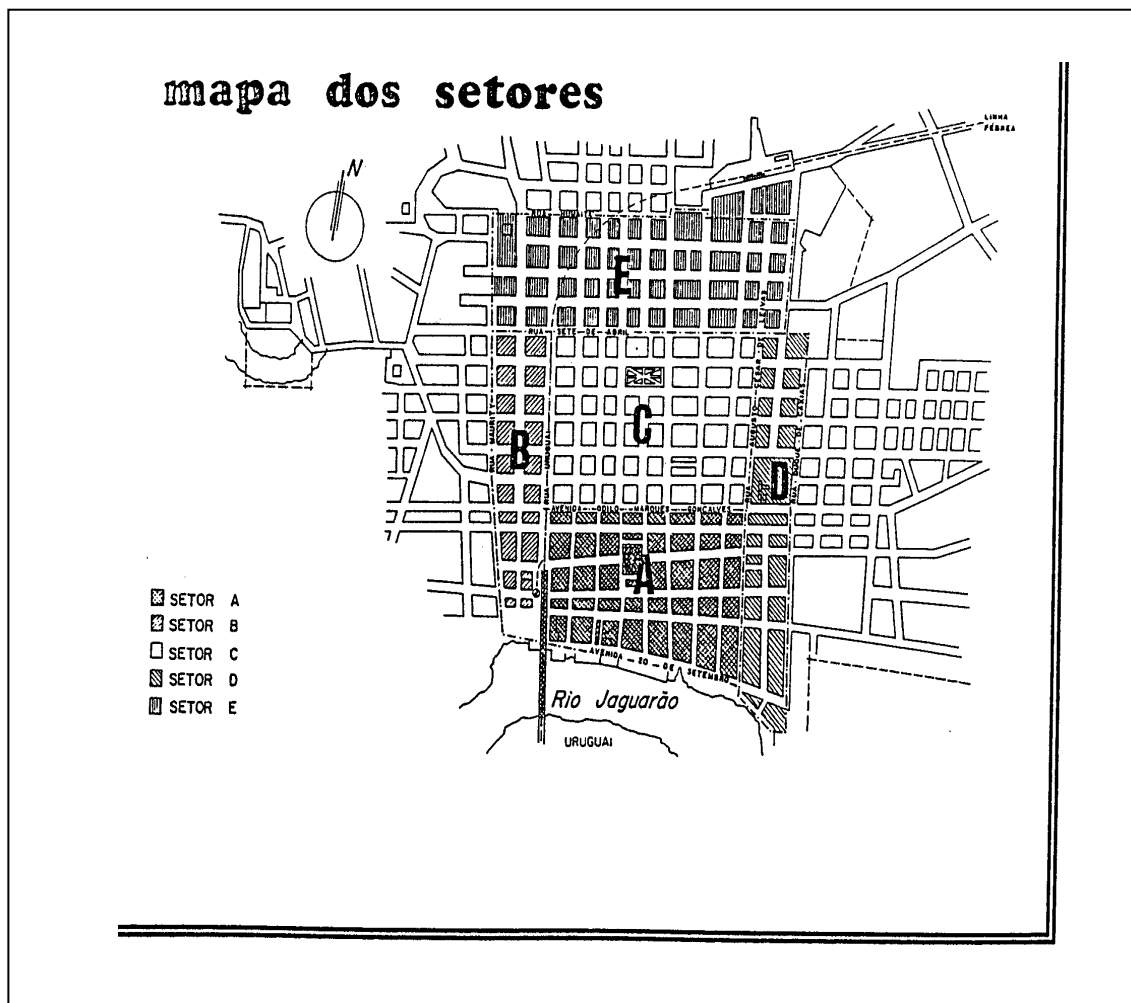


Figura 4 - Mapa atual do município de Jaguarão, dividido em setores
 Fonte: PRIJ – Programa de Revitalização Integrada de Jaguarão

Através do mapa mostrado acima, podemos identificar os diversos setores nos quais a cidade encontra-se dividida.

2.3.1 Mercado Público e arredores

Está localizado no setor A. Trata-se da origem urbana da cidade, significativo período de 1800-1850. Reserva para si um contexto histórico-social-econômico bastante grande, pois a área na qual está inserido, desde o

início da cidade, foi o alvo de disputa pela posse dos lotes, sofrendo transformações.

Sérgio da Costa Franco (1980, p. 56) referindo-se à primeira planta da cidade, de 1815, relata o seguinte: “na época não existia o quarteirão formado pelas ruas Vinte e Sete de Janeiro, General Osório e Vinte de Setembro (área ocupada pelos quartéis) ao lado da Praça do Desembarque. Notava-se, todavia, certa prosperidade no local, prosperidade esta que foi logo notada pelo bispo José Caetano da Silva Coutinho, em visita que fez à cidade. Contribuía para esta visão de progresso o fato de que muitos moradores estavam solicitando a doação de terrenos para ali levantarem casas de moradia e de negócios.

O Coronel Bento Gonçalves da Silva (Comandante da Guarda Nacional do Rio Grande do Sul) requereu para si toda a área da Praça do Desembarque, ou da Marinha. Concordou o Comandante da Guarda somente com a partilha da área entre os inúmeros pretendentes. Estes alegavam a necessidade de eliminar a praça, já que havia outra tão próxima (Alcides Marques), mas houve objeção, pois havia a necessidade de haver um local para o atracadouro para as embarcações que chegassem ao porto. Permaneceu reduzida a Praça da Marinha (atual Praça Paysandu), a qual mais tarde recebeu o prédio do Mercado Público (1864).

Na rua oposta à da praia (Vinte de Setembro) ficava a rua da Residência (General Marques) onde residiam os militares próximo ao acampamento militar ao lado da Praça do Desembarque (FRANCO, 1980).

2.3.2 Beira do rio

Consiste, em sua grande maioria, em construções populares situadas na Av. Vinte de Setembro (antiga rua da Praia) que margeia o rio Jaguarão, portanto local sujeito a inundações.

2.3.3 Praça Dr. Alcides Marques

Nela existem as construções do período de desenvolvimento da cidade, compreendido entre os anos de 1870 a 1900. Segundo Franco (1980), na planta de 1819 a praça da Matriz, como era chamada, desenvolveu-se mais densamente no lado sudoeste, onde hoje é a rua Vinte e Sete de Janeiro e na face nordeste, atualmente rua General Osório.

Neste módulo está situada a praça principal da cidade, em cujo entorno estão a Igreja da Matriz, os clubes sociais, a Maçonaria, os casarões faustosos representantes da classe dominante da cidade e, na continuação da rua Vinte e Sete de Janeiro, a Prefeitura Municipal. Em uma rua perpendicular o colégio que na época era denominado Colégio Espírito Santo (único prédio de três andares dessa época, dirigido por padres maristas), o hotel.

Os casarões pertencem a latifundiários, criadores de gado e plantadores de arroz. Reproduzem na sua tipologia formal o domínio patrimonial, ditando normas e regras para o resto das construções da cidade, assim como seus proprietários que conduzem através de associações (clubes recreativos, sociedades beneficentes, etc) a conduta da população e o destino do desenvolvimento da cidade.



Figura 5 - Em torno da Praça Dr. Alcides Marques
Fonte: Foto de Lidiane Corrêa Ensslin



Figura 6 - Igreja Matriz do Divino Espírito Santo
Fonte: Foto de Lidiane Corrêa Ensslin

Esta é uma das principais vistas do sítio, onde o quarteirão não possui nenhum tipo de descaracterização e intervenção externa, sendo que é uma das áreas de maior valor histórico, pois compõe o entorno da praça principal, ou seja, faz parte da origem da cidade, sem apresentar maiores degradações.

A Igreja Matriz do Divino Espírito Santo e a residência à direita da foto, foram das primeiras construções urbanas da cidade, tendo o início das obras em 1847.

Atualmente, junto a estes casarões e à igreja da Matriz, estão as construções institucionais e equipamentos de apoio como: a Prefeitura, Bancos (que substituíram prédios do final do século), Hotel, Casa de cultura, Clubes Sociais, Rodoviária, casas comerciais, que de certa forma foram transformando

a paisagem urbana da cidade.

2.3.4 Museu Carlos Barbosa Gonçalves da Silva e arredores

Localiza-se no setor C da parte nova da cidade, formada por avenidas perpendiculares, atualmente com canteiros centrais.

Este módulo representa o final do século XIX e início do séc. XX, um segundo momento de expansão e desenvolvimento da cidade, época em que foi construído o Teatro Esperança, demonstrando o refinamento cultural da cidade. Nesse período o Dr. Carlos Barbosa, médico e político de grande influência na região, figura eminente da cidade, ocupou vários cargos, entre eles, o de Presidente da Província do Rio Grande do Sul (1908-1913) e prefeito Municipal. Grande empreendedor, construiu nas suas administrações o Palácio Piratini, imponente prédio positivista, sede do governo do Estado, e o prédio da Prefeitura Municipal de Jaguarão, respectivamente.

Neste módulo foram analisadas duas residências, construções imponentes com partidos complexos, térreas, de porão baixo, de esquina, com fortes características do positivismo, com platibanda vazada, sendo uma delas construída por Carlos Barbosa para sua residência. Atualmente funciona ali o Museu “Carlos Barbosa”, mantido pela Fundação do mesmo nome.

2.3.5 Ruas Carlos Barbosa e Marechal Deodoro

Nestas ruas, ainda permanecem conservadas várias das construções do período eclético, ou seja, mantém o mesmo partido em planta, modificando-se somente alguns ornamentos das fachadas.

Estão inseridas nestes módulos, em sua grande maioria, as residências de

padrão médio tendendo ao popular, de acesso central ou lateral, com porão ou não, de platibanda vazada ou cega, que fazem parte de conjuntos arquitetônicos, cujas plantas podem ser geminadas, rebatidas, simétricas ou em seqüência, distribuídas ao longo dos setores A e C.

3 ECLETISMO ARQUITETÔNICO EM JAGUARÃO

3.1 ECLETISMO EM JAGUARÃO

O Estado do Rio Grande do Sul e o país vizinho Uruguai fizeram parte de um grande campo de batalha, pela disputa de terras entre a Coroa de Portugal e Espanha, ou seja, esse período foi de grande importância histórica, pois nele foi definida a demarcação das fronteiras.

Grande parte da produção arquitetônica e desenho urbano das regiões de fronteira dos dois países resultou numa paisagem urbana com semelhanças cujas características advém das duas culturas, a hispânica e a portuguesa, sendo que a colonização predominante é a portuguesa, com forte influência espanhola. A arquitetura Clássica, também influenciou na América Latina, na produção do Ecletismo Historicista, pois contribuiu fortemente no aspecto formal das construções do período.

Jaguarão é uma das cidades que tem relevante importância nesse contexto, pois através do povo que nela se instalou resultou a determinação definitiva de uma das fronteiras entre Brasil e Uruguai. Ela possui como resultado dessas questões o traçado urbano que se denomina “espanhol”, composto de vias ortogonais, formando um quadriculado, em contraposição ao traçado orgânico

das cidades ditas de colonização portuguesa. Segundo Helton Estivalet Bello (1997, p. 84) “[...] o traçado xadrez vem da tradição americana e as perspectivas das vias de circulação e a monumentalidade dos espaços provêm da tradição neoclássica européia e, sobretudo do modelo *haussmaniano*”.

A história da cidade de Jaguarão ocupa pouco espaço dentro do período colonial, fato que não lhe retira importância. Pelo contrário, é justamente nesta época eclética que se forma o caráter da cidade e se estabelecem as bases do seu desenvolvimento e da região sulina: a questão militar, a criação de gado e o comércio legal e ilegal.

O século XIX foi o período de desenvolvimento da região, fundamentado na produção do gado, no comércio, e em atividades subsidiárias que surgiram, como o cultivo de trigo e de uvas. A produção de charque na região também teve papel importante na economia local.

Devido à forte relação existente entre os governantes de Jaguarão e a revolução, pode se dizer que viveu uma situação muito particular. Como forte estabelecimento militar ligado ao governo central que era, nunca foi tomada pelas forças revolucionárias mas, no âmbito civil, foi a primeira cidade a reconhecer o governo revolucionário dos Farrroupilhas.

Oficialmente, Jaguarão permaneceu no lado legalista durante a revolução e não sofreu por esta razão a retaliação política por parte do governo central, que alguns autores identificam haver existido após os conflitos. Suas eternas dificuldades junto ao governo central deviam-se outras razões, das quais sua localização periférica e fronteira muito contribuía.

A partir de 1850, o desenvolvimento e a consolidação que a cidade vai alcançando, impulsionada pela paz na fronteira, a movimentação crescente do comércio, os bons negócios para os criadores de gado, e o conseqüente aumento da população, vai refletir na procura por terrenos e no número crescente de construções.

A instalação de olarias no município é o indício de que as construções vão adquirindo uma estrutura mais sólida, diferente daquele povoado de palha e madeira do início do século.

Agora reflete-se uma outra realidade, de uma população com recursos econômicos e perspectivas otimistas para o futuro.

Nesse período, existiam apenas 4 cidades reconhecidas da província: Porto Alegre, Rio Grande, Pelotas e Rio Pardo. Jaguarão foi elevada a cidade no dia 21 de novembro de 1855, sendo a Quinta cidade do estado, mas as comemorações foram em abril do ano seguinte, devido à trágica epidemia de cólera que assombrou a população. Após esse período, ou seja, nas proximidades de 1870, foi o período áureo de desenvolvimento para o município de Jaguarão.

Desse período, destaco várias obras públicas como: a estrada de Jaguarão a Tapes; a construção do cais do Porto, que de certa forma favoreceu a cidade; e a construção do mercado público, que foi um dos três primeiros no estado, juntamente com o de Porto Alegre e Bagé.



Figura 7 - Vista de Jaguarão

Fonte: Instituto Histórico e Geográfico de Jaguarão ano de 1880

O ecletismo em Jaguarão teve suas características próprias, ou seja, além do estilo, foram adaptados a ele o clima, materiais encontrados na região e os costumes.

Em Jaguarão no período eclético deu-se destaque a projetos residenciais, nessa nova atitude em composição, fazendo com que as formas antigas fossem adaptadas a usos aos quais nunca haviam se destinado. Pode-se dizer que as adaptações foram feitas, talvez, com incoerência, com tendências retrógradas, em relação ao período clássico das gerações anteriores, mas eram modernas, pois sabiam a influência que o conhecimento geral da história exerceu nos arquitetos.

O Historicismo buscava, na imitação de protótipos ideais, a transformação de suas supostas excelências e virtudes morais (PEDONE, 2002, p. 36).

Já os arquitetos ecléticos, inclusive os de Jaguarão e região, com uma nova visão da história, foram levados a questionar os cânones clássicos de Vitruvius e buscaram na imitação de protótipos ideais a transposição de suas excelências e virtudes, encontrando no mundo antigo um grande acervo de obras para serem usadas como modelos para seus novos projetos, ou seja,

estabeleceram uma base mais objetiva sobre a qual trabalhar.

Quanto aos construtores da cidade de Jaguarão, sabe-se que entre eles haviam portugueses, espanhóis, italianos, alemães, entre outros, que deixaram afixadas placas em suas obras, existindo também alguns registros encontrados no Instituto Histórico e Geográfico da cidade. Muitas das técnicas sofisticadas de construção têm a “mão” do construtor “importado” da Europa, trazido pelo enriquecimento da região, que passou a exibir maiores requintes na habitação. Uma das fortes tendências que caracterizava o período eclético era a busca em orientar o estilo histórico a ser adotado, conforme o caráter da edificação.

Outro fato importante é que grande parte dos que projetavam nesse período, não apresentavam formação de arquiteto, por isso chamados de construtores.

No caso de Jaguarão, são imitações de tipologias ou modelos, com aproximação do francês que, por sua vez, inspirou-se no clássico. Sua composição era feita através de uma visão racionalista, onde aceitava o uso de paredes, janelas e portas devido à necessidade, mas desde que, junto a esses elementos, estivessem presentes certos adornos como o frontão, a colunata, o entablamento, que definiam o embelezamento e o enriquecimento da edificação. Além disso, outro fato curioso é que, devido ao “espírito militar” que se instalara na cidade, muitos dos projetos, não só urbanísticos mas também arquitetônicos, foram feitos por construtores militares que possuíam uma forte ideologia positivista.

Pode-se afirmar que a cidade de Jaguarão é um dos poucos acervos que nos restam do período eclético. Além disso, assim como o centro histórico, uma boa parte das edificações da cidade não foram descaracterizadas e continuam tendo o uso residencial.

Enfim, para se fazer a história do Rio Grande do Sul, mais particularmente da cidade de Jaguarão, é necessário voltarmos às fontes primárias, em busca de fatos, pois, devido à precariedade de estudo sobre o sítio, é necessário estudar a produção arquitetônica de cidades mais distantes e até mesmo de centros culturais e econômicos para que, destes respingos, possamos encontrar meios de conhecer e construir uma teoria e história própria, mais identificada e relacionada com as realidades e funções regionais e locais.

Segundo estudos baseados em Andrey Rosenthal Schlee (1993), acredito que na cidade de Jaguarão, houve o predomínio do ecletismo historicista, pois utilizaram-se de formas imitativas do passado, sendo que, predominantemente, grande parte desses elementos foram buscados na tradição clássica.

3.2 APORTE SOBRE OS ARTESÃOS

A cidade de Jaguarão possui muitas de suas construções com portas esculpidas em diversos motivos, premiadas e cobiçadas por colecionadores. São usuais as janelas de guilhotina ou derótula, com vidraças desenhadas com motivos florais e holograma da família.

Existe o comentário entre os historiadores locais, embora se desconheça documentação a respeito, que entre os profissionais construtores, verdadeiros artistas no trato da madeira e dos adornos em geral, havia um clima de competição muito forte, cada um querendo superar o trabalho do colega.

Entre os construtores artesãos mais conhecidos, destacam-se os trabalhos de Miguel de Lelis, de origem italiana, grande marceneiro, escultor que executou obras de muita qualidade principalmente trabalhos de marcenaria.

Na época este ofício requeria muita habilidade manual, pois tratava-se de um trabalho artesanal com peças executadas com rebuscados elementos decorativos, entalhados pelo próprio marceneiro. Utilizavam os tradicionais “400 ferros” do ofício, composto de goivas, desbotadores, burilo e outras ferramentas, com madeira de qualidade existente na região, tais como cedro, angico e cabriuva.

Outro grande artista conhecido - carpinteiro, marceneiro e entalhador - que deixou sua marca nas obras de madeira que realizou nas construções de Jaguarão, foi Gustavo Guimarães, português que se estabeleceu na fronteira no final do século XIX. Além de outros nomes importantes como: La Forret, construtor francês, que atuava em Montevideo e ocasionalmente na cidade de Jaguarão, onde muito atuou na construção dos casarios; Germano Rodrigues; José Danigno; Joaquim Lino de Souza; Manuel Verdade; Martinho de Oliveira Braga; Polidoro Antônio da Costa.

Encontram-se registrados a seguir, alguns dos vãos que contribuíram para o embelezamento das residências do município, sendo destaque até mesmo no Estado. Dentre eles o da residência do Sr. Jean Macksoud, que possui a porta conhecida como “a mais bonita do Estado”



Figura 8 - Portas do Séc, XIX e XX, de grande destaque no Estado
 Fonte: Foto de Lidiane Corrêa Ensslin

3.3 LINGUAGEM FORMAL DO ECLETISMO ARQUITETÔNICO EM JAGUARÃO

3.3.1 Primeira Fase - 1870 a 1880

A partir de 1870, as residências urbanas de classes mais abastadas apresentaram algumas modificações que caracterizavam o abandono do uso de traços do período colonial. A exaltação da estética, do glamour, através do uso de novos materiais, não só como embelezamento, mas também como acabamento.

Dentre os principais tipos de residência encontrados na cidade de Jaguarão, destacamos:

a) Casa de Fachada Porta e Janela

É um tipo de construção predominantemente de origem portuguesa, freqüente na cidade, que se caracteriza pela escassa largura do lote e pela presença na fachada de uma porta e uma janela, de onde deriva a denominação. A ocupação no terreno é de toda a testada do lote e com pátio nos fundos.

b) Casa de Planta Corredor Lateral

É um tipo de construção também freqüente na cidade, resultante de uma planta em corredor lateral, que distribui os compartimentos internos em fita: caracteriza-se por uma fachada com porta lateral e duas ou mais janelas. Às vezes, na linguagem eclética, este tipo de casa é geminada a outra, gerando uma composição de fachada conjunta, com simetria marcada por um frontão, na busca de impor-se na composição da rua como um único casarão.

c) Casa de Planta Corredor Central

Edificação térrea, resultante de uma planta com corredor central, cuja fachada caracteriza-se por uma porta central e duas ou mais janelas para cada lado. São residências que ocupam lotes maiores, devido às suas proporções, dimensões e ornamentos. Seus proprietários são representantes de uma classe social privilegiada e, por isso mesmo, às vezes servem como modelos para os demais tipos. No período eclético, grande parte das residências possuem porão elaborado, estudo de composição, com divisão através de pilastras e ornamentos.

d) Casa de Planta, Implantação e Fachada com Entrada Lateral

Este tipo de construção surge de um novo tipo de implantação no lote no período do Ecletismo. Apresenta afastamento em uma das divisões laterais, onde surge o jardim. A entrada da residência passa a ser pelo jardim, sendo, de um modo geral, através de uma varanda e por meio de escadas. Outra consideração importante é que a composição das fachadas é direcionada para a rua, marcada pelo ritmo das janelas.

e) Casa Isolada

Pode-se dizer que este tipo de edificação surge mais tardiamente, ou seja, quando a casa passa a ocupar o centro do lote, com afastamento em todas as faces, surgindo uma maior liberdade de disposição em planta. Porém, o esquema deste tipo de residência segue o modelo de fachada principal, com porta central ou entrada lateral, alpendre e escada. Além disso, a linguagem do período moderno utiliza-se deste tipo de implantação.

f) Construções Geminadas

Aparecem em casas de corredor lateral, sendo tratadas como uma única construção, podendo se dizer que são rebatidas, simétricas ou em seqüência. Este fato fica evidenciado em fachadas e volumetria, podendo os acessos estarem localizados no centro ou nas pontas, sendo que o frontão marcava o centro desta unidade. Outra característica evidenciada em planta é que a área de iluminação e ventilação de casas geminadas de 3, 4, 5, até 14 unidades de construções estão lado a lado e o muro divisório é mais baixo, não impedindo a passagem de luz, ou seja, contribui na insolação dos ambientes internos.

A cobertura dessas construções, em sua grande parte, é contínua, podendo ou não, ter a comunicação entre os telhados.

g) Construções em série ou geminadas

São todas aquelas construções repetidas por duas ou mais vezes, num ritmo constante e a cobertura contínua.

h) “Cachorro Sentado”

São edificações populares, cuja característica principal é a cobertura possuir uma única água, tendo o caimento da frente para os fundos do lote. Por esse motivo, o pé direito das peças localizadas ao fundo, vai sendo reduzido.

i) Construções de esquina

Nos lotes de esquina foram construídos os casarões de grandes proporções, cuja fachada frontal, em sua grande maioria, é de menor largura e situa-se para a rua principal e a fachada mais extensa voltada para a rua secundária. Estes lotes demarcam os quarteirões e recebem os grandes casarões, entre eles situam-se lotes mais estreitos com casas mais simples.

j) Sobrado

Edifício com dois ou três pavimentos, tendo a composição da fachada variada, de acordo com a função do térreo. Geralmente não apresentam porão, sendo o primeiro pavimento utilizado para serviços ou comércio e o segundo para residência.

Alguns dos principais exemplos de tipologias encontradas na cidade de Jaguarão. São eles respectivamente: casa de corredor lateral, casa de corredor central, casa de entrada lateral, casas de corredor lateral, lote de esquina.

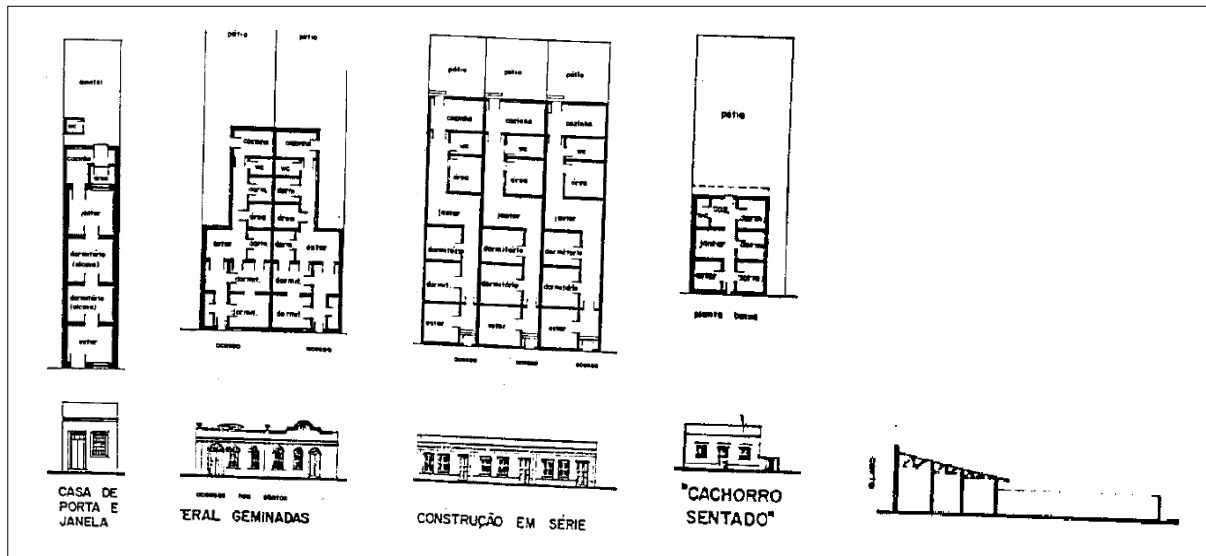


Figura 10 - Casa de porta e janela, casas geminadas, em série, cachorro sentado, corte do cachorro sentado

Fonte: PRIJ – Programa de Revitalização Integrada de Jaguarão

Estas categorias preliminares sugerem a existência de repertórios tipológicos: um que se refere diretamente aos aspectos formais da arquitetura, não ao seu uso, embora esse repertório seja extraído da história da disciplina; e o outro seria uma tipologia de inserção urbana: tipo de lote, tamanho e dimensões, implantação no lote, relação com a rua (alinhamentos, recuos [...]).

As novas tipologias deste período se diferenciaram em diversos aspectos: em relação ao lote, à exploração formal e plástica das fachadas. As novas soluções de cobertura fizeram com que, pouco a pouco, as transformações fossem significativas para o período. Essas transformações se deram da seguinte forma:

a) Visual

Corresponde às modificações ou reformas de períodos coloniais que passaram a apresentar fachada moderna, com a introdução da platibanda no lugar do beiral, utilização de frontões para marcar o acesso principal ou o centro do prédio, uso de pilastras sobre as paredes, adoção das diferentes ordens de origem greco-romanas, enquadramento, assim também como o emolduramento das aberturas, etc...

b) Virtual

Caracterizaram-se pelas residências que eram construídas onde suas características externas eram de um prédio moderno e internamente mantinha-se o padrão colonial.

c) Real

Corresponde às construções feitas com as características do ecletismo historicista, ou seja, apresentando alterações ou inovações das fachadas, novo tipo de distribuição em planta, novas tipologias de ocupação do lote, refinamento e acabamento interno, entre outras características.

Segundo regras de projetos, as construções novas deste período, passaram a ter porão, habitável ou não, que apresentava um nível elevado em relação à rua e, portanto, não poderia ser utilizada como comércio. Caracterizou-se como a moradia dos grandes proprietários rurais ou de pessoas que viviam de renda. Grande parte dos projetos residenciais do período passou a apresentar soluções tripartidas, com uma base tradicionalmente correspondente a um porão elevado, um corpo correspondente ao pavimento principal e um acabamento superior

correspondente às platibandas, cegas ou vazadas, que escondiam os telhados. As edificações, na sua grande parte, ocupavam os limites do terreno e eram retangulares.

Os grandes senhores utilizavam sua influência, seu prestígio, seu dinheiro e seus escravos para forjar um estilo de vida típico e exclusivo, pois, através destes meios de ostentação, ficava evidenciada a diferenciação do pretense poder aquisitivo entre os senhores.

Essa necessidade de diferenciação ou afirmação individual, baseada na situação econômica e no *status* político dos proprietários, manifestou-se externa e internamente nas habitações da classe dominante. Externamente, através da já referida adoção de novos códigos estéticos; da escolha do tipo de habitação e da utilização de uma gama bastante grande de elementos de decoração e acabamento. E internamente através da valorização de seus espaços, principalmente dos salões (SCHLEE, 1994, p. 81).

O refinamento das construções habitacionais e a tendência de valorização decorativa fizeram surgir e se desenvolver uma verdadeira indústria das chamadas “artes menores”, como os acabamentos e trabalhos em gesso e massa; a das paredes revestidas de escaiola; a das bandeiras ornadas e montadas com vidros coloridos; a das portas talhadas, cegas ou envidraçadas; dos ladrilhos hidráulicos decorados; e a dos guarda-corpos, grades e lambrequins de ferro ou chapa. Por outro lado, a facilidade sempre crescente, devido à intensificação do comércio e ao aumento do número de casas importadas que, - podiam contar com materiais, equipamentos, móveis e objetos estrangeiros - fez com que, cada vez mais, se reproduzissem estilos de vida europeus em todo o país e especificamente na região sul do estado do Rio Grande do Sul, devido ao fácil

comércio entre o Brasil e países europeus e a facilidade de meios próximos, como a navegação.

A peça fundamental deste cenário social passou a ser o salão, espécie de estar para visitas, só utilizado para o bem receber e que, para isso, era ricamente decorado e mobiliado (SCHLEE, 1994, p. 81).

No esquema geral das residências do século XIX, o salão ou sala de visitas, passou a representar uma unidade à parte do convívio familiar - sem função diurna, pois era mantido fechado e completamente ignorado pelo senhor, proibido para as crianças, apenas decorado pela senhora e limpo pelos escravos - para só ser utilizado em noites de festas, quando as suas portas eram abertas e, através das janelas rasgadas, podia-se vislumbrar o requinte de seu interior e a alegria da vida mundana.

Uma segunda peça passou a fazer parte, dos programas habitacionais das classes abastadas: o Gabinete; em uma época em que a cultura guardava o timbre aristocrático, do qual até hoje se mantém alguma relevância e que na época se tinha como diferenciador. Desse modo, possuir uma pequena sala de leitura, alguns livros, e um local para pequenas reuniões de negócios era fundamental, mesmo que por simples ostentação (SCHLEE, 1994, p. 82).

Outra característica presente na arquitetura implica a manutenção dos esquemas tipológicos tradicionais de residências de porta e janela e de meia morada - e a difusão das residências tipo morada inteira de porão alto.

Em comparação com tipos primitivos e já analisados, as casas de morada inteira apresentam a inovação do corredor central que divide salas e alcovas, garantindo uma independência entre os diversos compartimentos de habitação, e

que desemboca na sala de jantar. O que ocorreu foi um rebatimento do tipo de meia morada, devido à possibilidade de se dispor de um terreno com maior área de testada (SCHLEE, 1994, p. 82).

A chamada casa de porão alto veio desbancar a hegemonia dos sobrados como morada dos ricos e alargar a faixa que distanciava estas das residências dos pobres.

A partir da metade do século XIX, as grandes residências construídas em Jaguarão seguiram o esquema de porão alto, que se adequou muito bem ao clima úmido e frio da cidade.

Na casa de porão alto, o desnível entre a rua e o interior da casa exigiu algumas variações no acesso à residência. Na entrada da casa, havia um pequeno patamar, espaço para as portas externas abrirem, a escada e um patamar superior protegido por uma outra porta. Essa entrada era geralmente revestida com mármore no piso. No patamar superior, localizavam-se as portas dos salões: sendo de um lado o salão propriamente dito e do outro o gabinete ou escritório. A porta envidraçada abria-se para um corredor, configurando o esquema das casas de morada inteira, com alcovas e dormitórios de ambos os lados até desembocar na sala de jantar.

As salas de jantar, tradicionalmente utilizadas para receber, eram, por isso, bem iluminadas e ventiladas, possuíam dimensões maiores e, nas casas de porão alto, tinham acesso direto, através de pequenas escadas aos jardins ou áreas de iluminação.

Com exceção das pequenas habitações, as salas de jantar não estavam diretamente ligadas às cozinhas, mas sim às copas, locais onde efetivamente as

famílias se reuniam para realizar suas refeições. Por outro lado, as copas serviam de anteparo entre a sala de jantar e a cozinha.

Completando o programa e a área de serviço das habitações das classes abastadas, existia ainda a despensa, um quarto, a sala de banho e uma pequena peça para a latrina.

Além disso, caracterizava-se pelo uso de platibandas geralmente vazadas, aberturas com bandeiras fixas ou móveis, janelas de abrir, com postigo, portas principais almofadadas, portas das sacadas envidraçadas com postigo, grades nas sacadas, portas de acesso do hall de entrada para o interior (paravento).

Sobre os diferentes tipos de platibandas vazadas era aplicada uma série bastante grande de ornamentos decorativos e de acabamento, a maioria destes importados do Porto; pinhas, vasos, ânforas, pináculos, compoteiras, globos e as características estátuas de louça- que representavam figuras mitológicas, as estações do ano, as virtudes etc., e que conferiam à residência e a seu proprietário destaque e *status*, demonstrando a situação sócio-econômica desfrutada (SCHLEE, 1994, p. 82).

Essas regras gerais de composição de fachada sofriam poucas alterações em relação aos prédios de esquina, aos sobrados ou às casas geminadas.

Quando o prédio era de esquina, possuindo, portanto, duas fachadas, uma delas era escolhida como a principal- tradicionalmente aquela voltada para as ruas que se dispõem no sentido norte-sul. A fachada dita principal era resolvida como as das casas de meio de quadra e a outra recebia um tratamento mais simplificado. Muitas vezes, quando a fachada secundária era muito extensa, recebia também um frontão que marcava o seu centro. As casas geminadas eram

tratadas como uma única construção, sendo que o frontão marcava o centro desta unidade (SCHLEE, 1994, p. 80).

Aparecem vários elementos arquitetônicos de linguagens neoclássicas (frontão triangular, colunas clássicas) e neorenascentistas (linhas curvas, arco pleno, guirlandas, fachadas ricas em ornamentos), em alguns casos compondo portadas luxuosas.

A utilização de pilastras com capitéis e de pilastras com rusticação seguia a uma determinada regra: na maioria das construções as pilastras com rusticação eram empregadas apenas nas extremidades das fachadas e as pilastras propriamente ditas eram empregadas entre as diversas aberturas, marcando o ritmo desejado da composição.

A base das pilastras variava, em suas dimensões, conforme a altura do porão da residência, sendo que este, muitas vezes, era totalmente rústico - o que garantia ao prédio um aspecto de robustez e tectonicidade.

Os frontões de massa que encimavam as portas e janelas variavam segundo a importância relativa da abertura, sua localização em relação ao eixo de simetria e segundo o número de aberturas. Nas construções de número ímpar, o frontão que encimava a porta recebia tratamento diferenciado dos demais e, quando o número de aberturas era par, a porta e janela centrais recebiam o mesmo tratamento (SCHLEE, 1994, p. 80).

Enfim, podemos caracterizar os diferentes tipos de construções do período: O primeiro modo ocorria quando o número de aberturas era ímpar nas residências com três aberturas, a porta era localizada em uma extremidade da fachada, ocorrendo uma quebra da simetria que era corrigida pela localização de

um frontão central sobre a janela do meio; em casos de mais de três aberturas, passava a existir uma coincidência entre a porta principal, o eixo de simetria e o frontão. O segundo ocorria quando o número de aberturas era par, naquele caso, sempre uma janela passava a compor com a porta principal uma unidade central, sendo essa unidade valorizada, emoldurada ou isolada através de pilastras e coroada pelo frontão - neste caso o eixo de simetria passava no centro, entre a porta e a janela principal.

As dimensões dos frontões e das platibandas variavam também segundo o número de aberturas: para três aberturas, o frontão estava sobre a do centro; para quatro, estava sobre a porta e janela centrais; para cinco estava sobre a porta e as duas janelas que a ladeavam; para seis, voltava a estar sobre a porta e janelas centrais; e assim sucessivamente (SCHLEE, 1994, p. 80).

Dentro deste período, ainda podemos destacar, projetos não só residenciais na cidade, como o Presídio Municipal e a Câmara de Vereadores de Normann e Heydtmann, pois segundo Weimer foram eles que trouxeram ao extremo-sul os cânones da arquitetura européia, que consistia numa reelaboração das ordens clássicas interpretadas sob uma perspectiva germânica. Seus classicismos eram mais conservadores e comedidos. Mesmo assim, suas obras revolucionaram a linguagem arquitetônica provincial, que perdeu seu caráter militar, pesado e católico, a favor de uma expressão mais cidadina, burguesa e protestante (REIS FILHO, 1987).

Outro tipo de construção característico do período foi o sobrado com o porão elevado, onde o primeiro piso era utilizado para habitação. No caso da cidade de Jaguarão não foi encontrado nenhum exemplo específico.

Além de todos esses aspectos levantados no ecletismo, há outro fato de fundamental importância e ao mesmo tempo curioso, é o *hall* de entrada desses casarios da classe nobre, pois, além de possuírem a mesma paginação de pisos nas cores preta e branca, que significava um tapete vermelho a outro massom e que, por sua vez, se repetia nas igrejas. Isto se deve a forte influência massônica no período e na construção de igrejas da época.

Neste período, ser massom significava *status* e poder aquisitivo.

a) Projetos analisados



Figura 11 - Museu Carlos Barbosa
Fonte: Foto de Lidiane Corrêa Ensslin



Figura 12 - Museu Carlos Barbosa - Fachada Leste
Fonte: PRIJ – Programa de Revitalização Integrada de Jaguarão

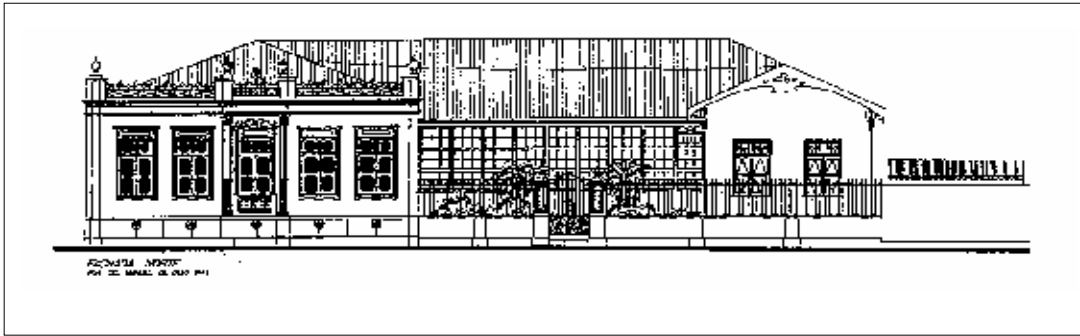


Figura 13 - Museu Carlos Barbosa
Fonte: PRIJ – Programa de Revitalização Integrada de Jaguarão

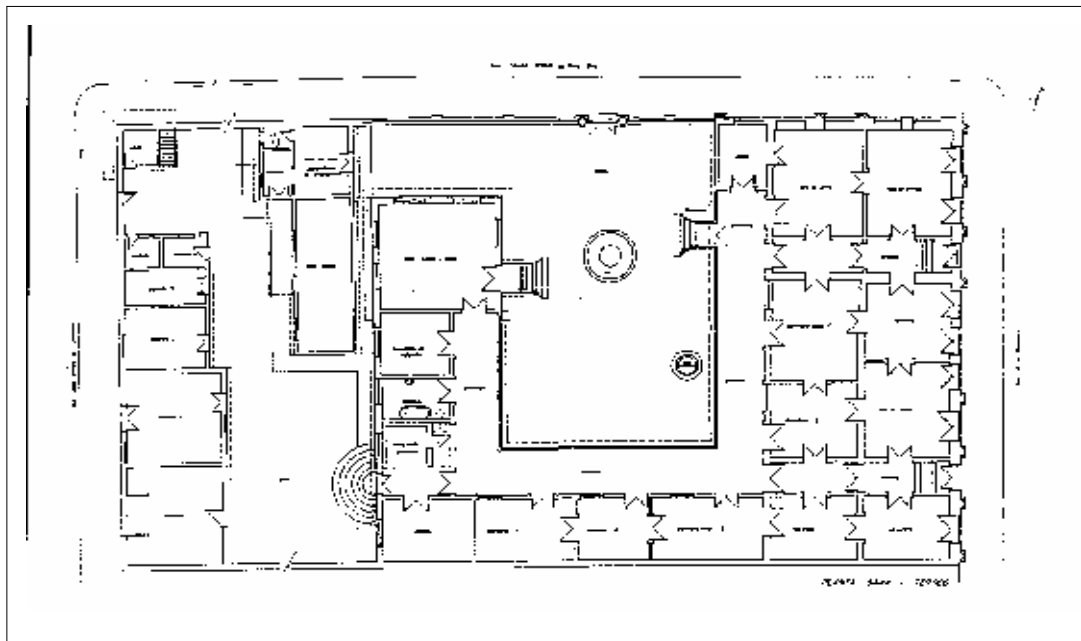


Figura 14 - Museu Carlos Barbosa
Fonte: PRIJ – Programa de Revitalização Integrada de Jaguarão

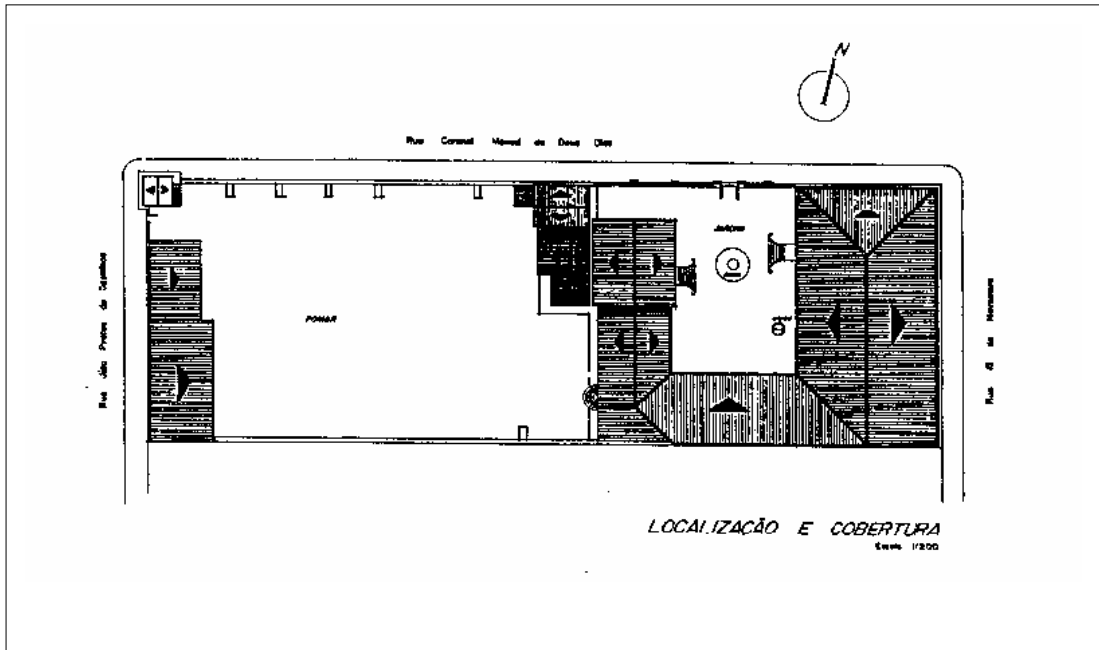


Figura 15 - Museu Carlos Barbosa - Localização e cobertura
 Fonte : PRIJ – Programa de Revitalização Integrada de Jaguarão

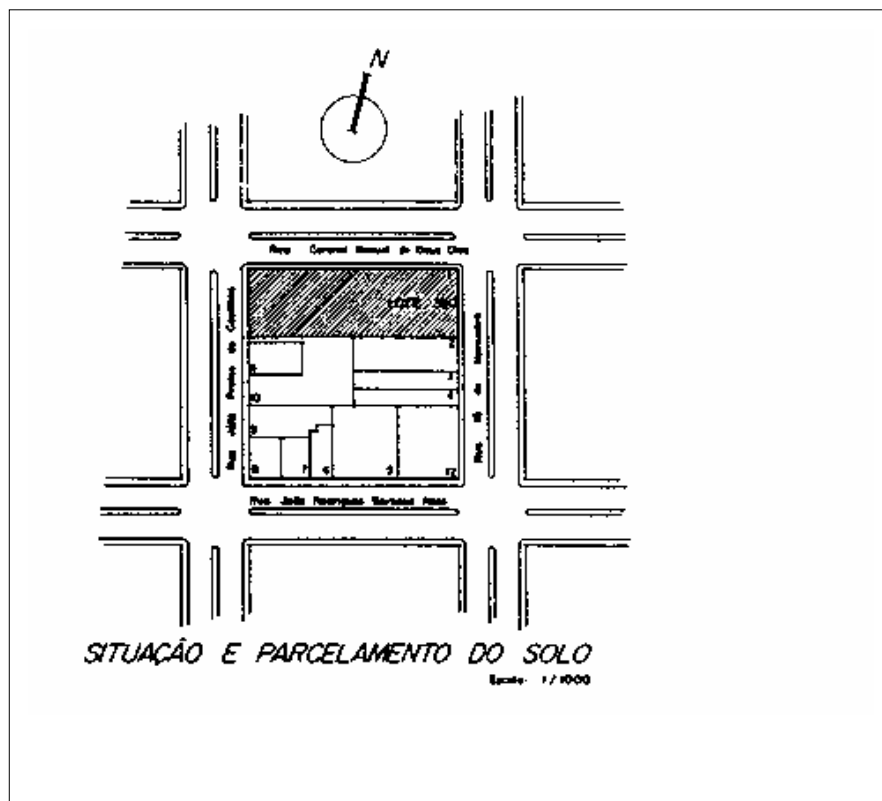


Figura 16 - Museu Carlos Barbosa – Situação e parcelamento do solo
 Fonte: PRIJ – Programa de Revitalização Integrada de Jaguarão

a) Dados Gerais:

- Cadastro prefeitura: setor 1/ quadra 2/ lote 642;
- Cadastro inventário: setor c - 044;
- Localização: Rua Quinze de Novembro, n/ 642;
- Proprietário: Fundação Carlos Barbosa;
- Construção: 1877-1886;
- Condições do prédio: conservado;

b) Histórico: Residência do Dr. Carlos Barbosa Gonçalves, médico, eminente político da região, positivista, entre outros cargos foi Presidente da Província do RS.

O casarão foi feito por Martinho de Oliveira Braga (português), para a moradia de Carlos Barbosa (sobrinho neto de Bento Gonçalves), em um lote de esquina, de porão baixo, fachada sóbria com platibanda vazada, tendo seu programa de necessidades complexo com pátio interno e passadiço;

c) Ambiência:

- Situação: urbana;
- Utilização: residencial (1 piso);
- Vizinhança: inserido em conjunto arquitetônico;
- Quanto ao lote: encravado, de esquina;
- Quanto ao acesso: vários acessos;

d) Aspectos Arquitetônicos Gerais: apresenta recortes nas fachadas, revestimento de reboco, cobertura de duas águas, possui elementos ornamentais nas fachadas, como: frontão, estátuas, compoteiras e cunhais, platibanda vazada balaustrada ou similar, apresenta apliques de massa sobre frontão, acima das portas e acima das janelas. As

sacadas de púlpito, escadas externas. Quanto às aberturas, as bandeiras são fixas acima de portas e janelas, os marcos são de madeira, as molduras de massa trabalhada, portas de duas folhas e almofadadas, as janelas são de abrir, com postigos, os vidros são lisos, os portões são de ferro, tanto para a garagem como de acesso lateral.



Figura 17 - Escola Particular Nelson Wortmann
Fonte: Foto de Lidiane Corrêa Ensslin

a) Dados Gerais:

- Cadastro prefeitura: setor 1/ quadra 2;
- Localização: Rua Quinze de Novembro, n/ 596;
- Proprietário: Sociedade Cultural Joaquim Caetano da Silva;
- Construção: 1884;
- Condições do prédio: conservado;

b) Histórico: Esta residência foi construída por Vasco Pinto Bandeira para moradia do rico fazendeiro Cândido Dourado e com o passar dos anos

foi vendido para uma sociedade beneficente, sendo hoje a sede da única escola particular da cidade (1/ e 2/ graus Nelson Wortmann) e extensão da UCPEL, nos cursos de informática, pedagogia e administração de empresas. O casarão foi feito em um lote de esquina, de porão baixo, fachada sóbria com platibanda vazada, tendo suas fachadas mantidas, porém internamente houve em seu programa de necessidades algumas alterações, sendo que mantiveram o pátio interno e o passadiço;

c) **Ambiência:**

- Situação: urbana;
- Utilização: residencial (1 piso);
- Vizinhança: inserido em conjunto arquitetônico;
- Quanto ao lote: encravado, de esquina;
- Quanto ao acesso: possui três acessos;

d) **Aspectos Arquitetônicos Gerais:** apresenta recortes nas fachadas, revestimento de reboco, cobertura de duas águas, possui elementos ornamentais nas fachadas, como: frontão, estátuas, compoteiras e cunhais.

3.3.2 Segunda Fase - 1880 a 1900

As construções médias do final do século XIX e início do século XX possuem quanto à sua implantação as mesmas características tipológicas da 1ª fase desta linguagem, somando-se às das fases anteriores o porão. Por esse motivo se fazem necessários no vestíbulo de acesso, três ou quatro degraus até a porta envidraçada (paravento).

As construções de padrão sócio-econômico mais alto tiveram uma importante transformação quanto ao lote urbano, passaram a possuir porão habitável, implantação com recuo de jardim parcial na testada do lote, sendo ele frontal, de esquina ou lateral, com fechamento com grades e portões de ferro. Além disso, por mais significativa, dignificante ou agradável que pudesse parecer possuir um jardim na frente ou no lado de uma construção, durante o século XIX as residências não conseguiram se desprender totalmente dos limites do terreno, permanecendo, pelo menos, duas das fachadas, quando não todas, a elas ligadas. Esses recuos, ainda muito acanhados, passaram a ceder lugar aos jardins laterais e até mesmo para entrada de veículos, o que acabou causando alterações no acesso principal. No entanto, a possibilidade de se poder contar com um recuo lateral fez com que, pouco a pouco, fossem desaparecendo as alcovas e melhoradas as condições de higiene, ventilação e iluminação interior das habitações.

Com o surgimento do porão habitável, houve a necessidade, no jardim, de uma escadaria e um patamar coberto por uma água com o acabamento e arremates dos telhados em “lambrequins” ou “sinhaninhas”, de madeira (no caso de “chalets”) ou estampados em metal.

As platibandas vazadas são de balaústres ou similares, com frontões dos mais diversos formatos e ornamentos, aparecendo elementos ornamentais como: vasos, compoteiras, estátuas ou efígies, sendo muitos dos elementos decorativos pertencentes ao neoclássico como o frontão triangular e as colunas clássicas, do neorrenascentismo as linhas curvas, frontões curvos, arco pleno e guirlandas e do neogótico os arcos ogivais.

No fechamento dos vãos surgem as janelas de abrir, esbeltas, com bandeiras em verga reta, arco pleno ou ogival, portas muito altas, trabalhadas

(entalhadas e esculpidas), com bandeiras acompanhando as das janelas, os vidros trabalhados com monogramas das famílias e com desenhos florais. No revestimento o reboco geralmente tem rusticação.

Enfim, este período do ecletismo na cidade de Jaguarão recebeu forte influência do romantismo literário e principalmente da filosofia positivista, pois estes conceitos eram praticados e aceitos pelos construtores militares e, finalmente, serviu como base para outros que vieram a projetar. Outro fato importante foi a renovação de métodos, teorias, materiais e arquitetos neste período, pois grandes arquitetos de formação européia que estavam radicando em Montevideú, fizeram muitas das edificações executadas no período, em Jaguarão.

Além disso, pode-se dizer que esta fase se caracteriza pela importação de meios inovadores, mantendo laços enfraquecidos com os produtos locais, até mesmo devido a todo o contexto sócio-cultural do período, tendo os palacetes de morada inteira e de porão alto como o tipo ideal e consagrado para a habitação da classe dominante até o fim do século XIX.

b) Projetos analisados

Figura 18 - Residência da Srª Aldiva Alves Corrêa
Fonte: Foto de Lidiane Corrêa Ensslin

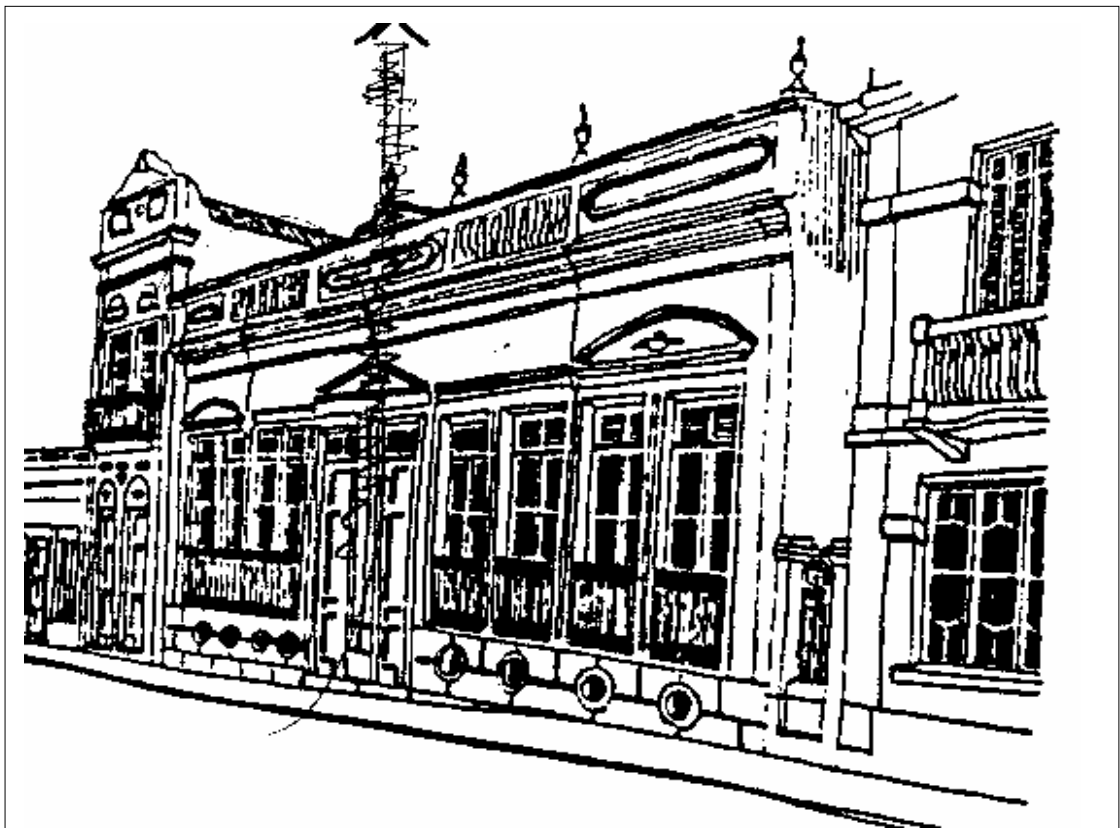


Figura 19 - Residência da Srª Aldiva Alves Corrêa - antes
Fonte: PRIJ – Programa de Revitalização Integrada de Jaguarão

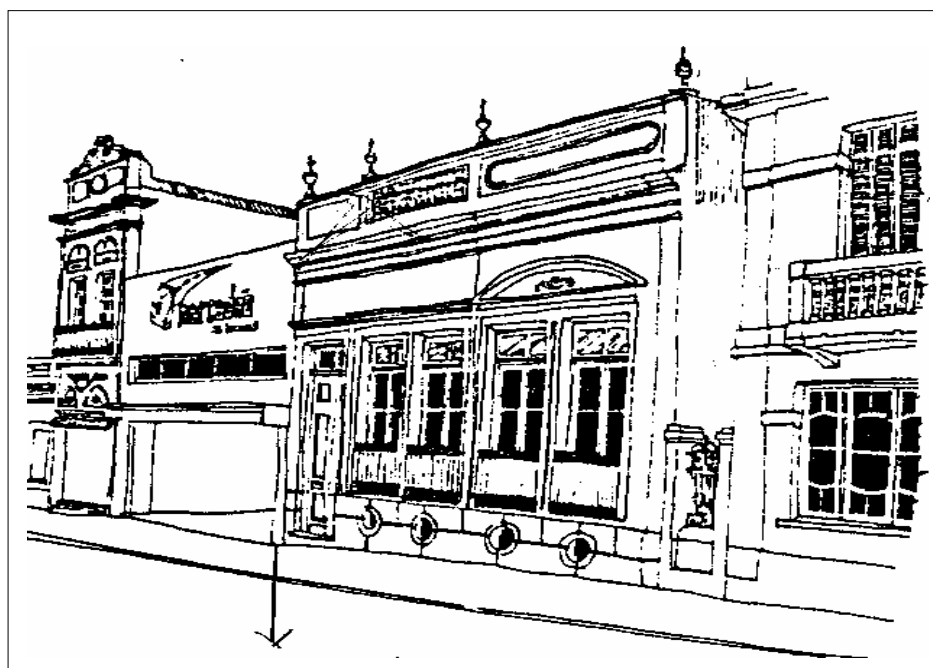


Figura 20 - Residência da Sr^a Aldiva Alves Corrêa - depois
 Fonte: PRIJ – Programa de Revitalização Integrada de Jaguarão

a) Dados Gerais:

- Localização: Rua Quinze de Novembro, n^o. 324;
- Proprietária: Aldiva Alves Corrêa;
- Condições do prédio: médio estado de conservação;

b) Histórico: foi construída pela família de um forte comerciante da época, vindo de Portugal. Construção geminada, sendo que um deles foi demolido, devido ao alto custo do terreno, ou seja, zona comercial. A construção que ainda existe está em boas condições, tendo como uso de moradia. Apresenta porão baixo, fachada sóbria com platibanda vazada, tendo seu programa de necessidades complexo com pátio interno e passadiço.

Outro fato curioso, descoberto na demolição, é que as duas edificações possuíam parede dupla, mas o telhado e sua estrutura eram a mesma (marcado

no croqui);

c) **Ambiência:**

- Situação: urbana;
- Utilização: residencial (1 piso);
- Vizinhança: inserido em conjunto arquitetônico;
- Quanto ao lote: encravado, geminado.

Quanto ao acesso: possui dois acessos, pois o terreno atravessa o quarteirão, tendo fachada principal pela Rua Quinze de Novembro e os fundos para a Rua Júlio de Castilhos.

d) **Aspectos Arquitetônicos Gerais:** apresenta recortes nas fachadas, revestimento de reboco, cobertura de duas águas, possui elementos ornamentais nas fachadas, como: frontão; estátuas, compoteiras e cunhais, platibanda vazada balaustrada ou similar, apresenta apliques de massa sobre frontão, acima das portas e acima das janelas. As sacadas de púlpito, escadas externas. Quanto às aberturas, as bandeiras são fixas acima de portas e janelas, os marcos são de madeira, as molduras de massa trabalhada, portas de duas folhas e almofadadas, as janelas são de abrir, com postigos, os vidros da fachada formam um *composê*, são crespos e lisos. As casas geminadas eram tratadas como uma única construção, sendo que o frontão marcava o centro desta unidade.

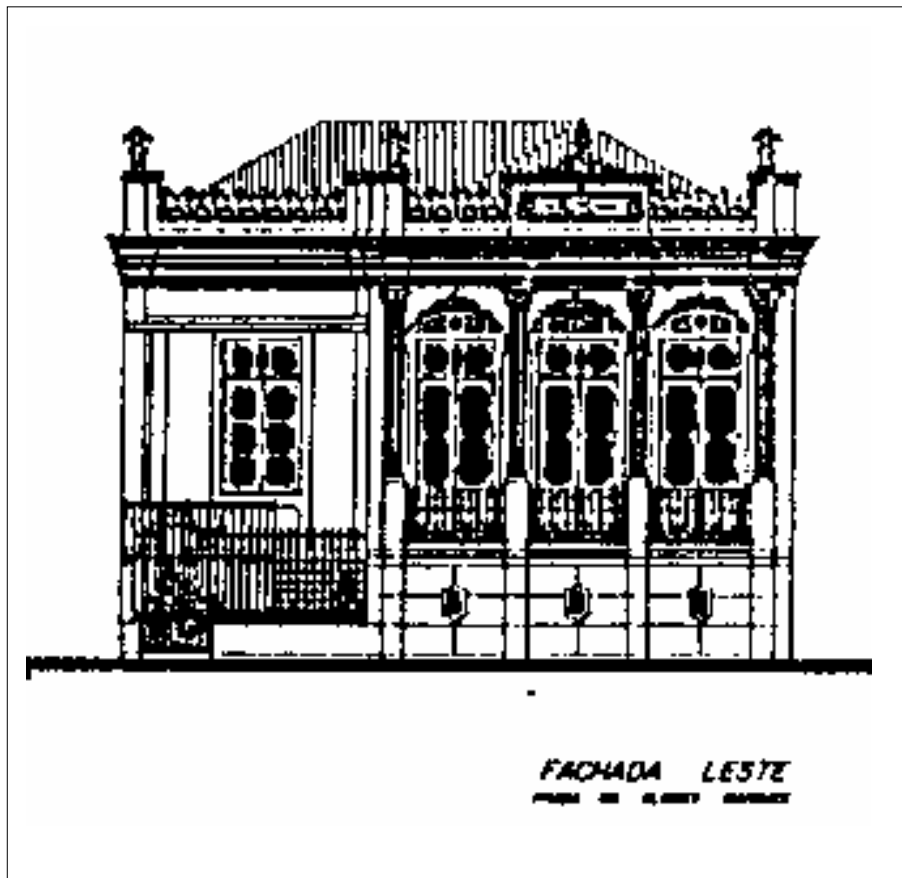


Figura 21 - Residência do Sr. Luiz Felipe Amaro da Silveira

Fonte: PRIJ – Programa de Revitalização Integrada de Jaguarão - croqui:
Maurício Seibt (in memória)

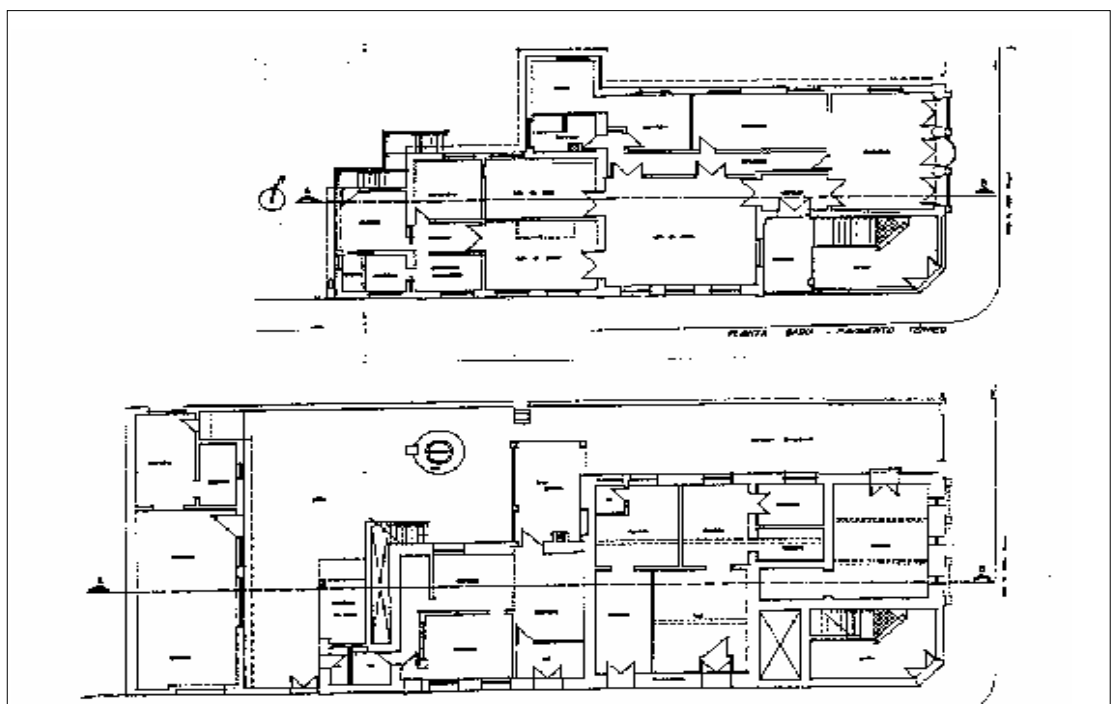


Figura 22 - Plantas da edificação

Fonte: PRIJ – Programa de Revitalização Integrada de Jaguarão

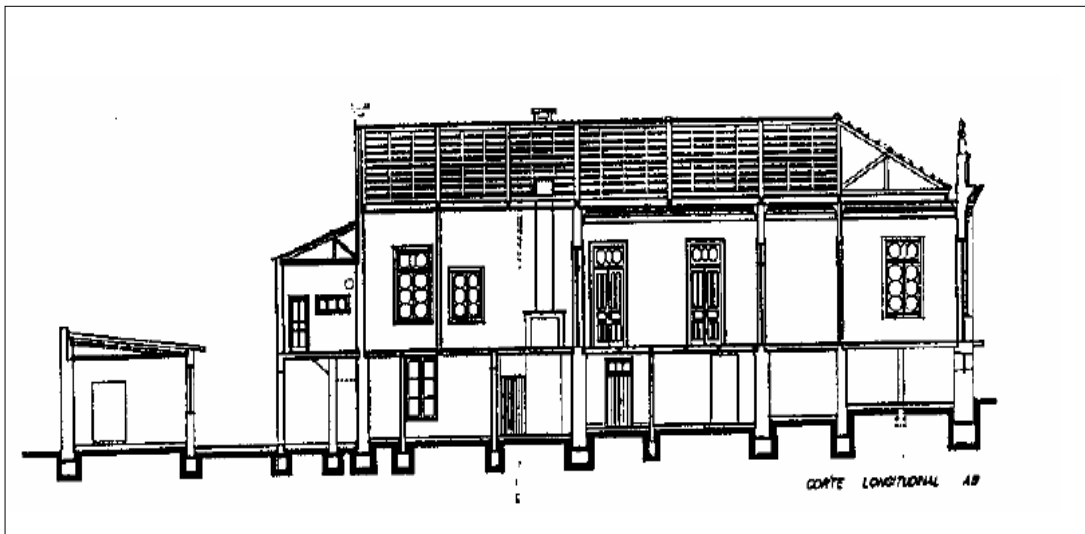


Figura 23 - Corte esquemático
Fonte: PRIJ – Programa de Revitalização Integrada de Jaguarão



Figura 24 - Fachada Sul
Fonte: PRIJ – Programa de Revitalização Integrada de Jaguarão

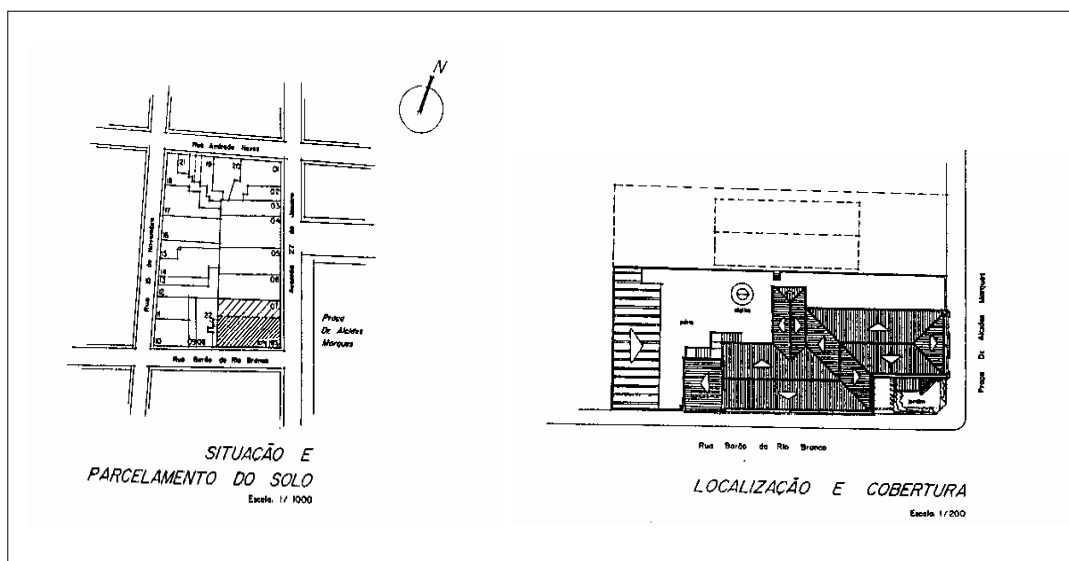


Figura 25 - Situação e parcelamento do solo, localização e cobertura
 Fonte: PRIJ – Programa de Revitalização Integrada de Jaguarão

a) Dados Gerais:

- Cadastro prefeitura: Setor 1/ Quadra 25/Lote 185;
- Cadastro Inventário: Setor A – 159;
- Localização: Av. 27 de Janeiro, n/ 120;
- Proprietário: Edgar Esteves da Silveira;
- Denominação: Manuel de Deus Dias;
- Construção: 1899;
- Condições do prédio: conservado;

b) Histórico: Esta residência de lote de esquina com grandes proporções está localizada no centro histórico da cidade, em frente à Praça Alcides Marques. O casarão de porão alto, tem acesso de esquina e recuo de jardim, construção do final do século, linguagem formal, ecletismo historicista, cobertura em várias águas, acabamento em platibanda

vazada;

c) **Ambiência:**

- Situação: urbana;
- Utilização: residencial;
- Vizinhança: inserido em conjunto arquitetônico;
- Quanto ao lote: recuo de um lado;

- Quanto ao acesso: possui vários acessos, pela esquina e lateralmente;

d) **Aspectos Arquitetônicos Gerais:** apresenta porão habitável e mais um pavimento, revestimento de reboco, cobertura de várias águas, possui elementos ornamentais nas fachadas, como: frontão, cimalha, compoteiras, rusticação, estátuas, cunhais, platibanda vazada, balaustrada ou similar, apresenta um busto da República com inscrição da data de construção sobre frontão, acima das portas e acima das janelas. As sacadas de púlpito em ferro, escadas externas. Quanto às aberturas, as bandeiras são fixas acima de portas e janelas, os marcos são de madeira, as molduras de massa trabalhada, portas de duas folhas e almofadadas, as janelas são de abrir, com postigos, os vidros lisos e trabalhados, as molduras são de massa trabalhadas e os acessos secundários se dão pelos portões de garagem e de acesso lateral.

Enfim, esta residência não foi descaracterizada externamente, houve apenas algumas modificações internas. No porão funcionam estabelecimentos comerciais e um escritório. Nos fundos foi construída uma churrasqueira e um compartimento para uma malharia.



Figura 26 - Residência do Sr. Carlos Senna
Fonte: Foto de Lidiane Corrêa Ensslin

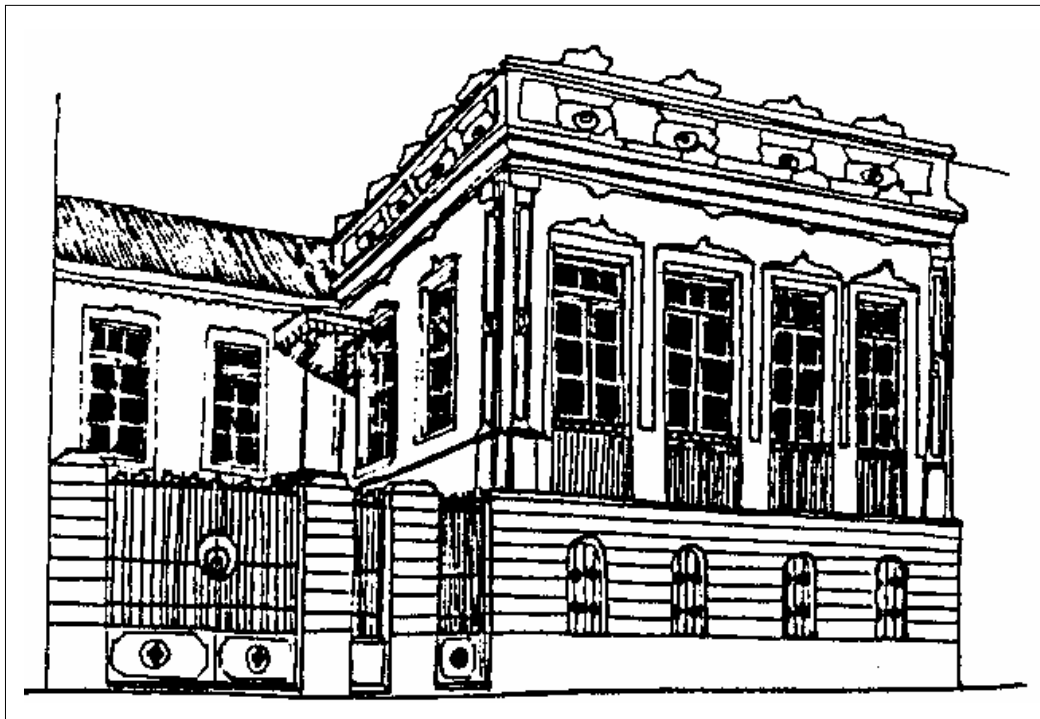


Figura 27 - Residência do Sr. Carlos Senna
Fonte: PRIJ – Programa de Revitalização Integrada de Jaguarão - croqui: Maurício

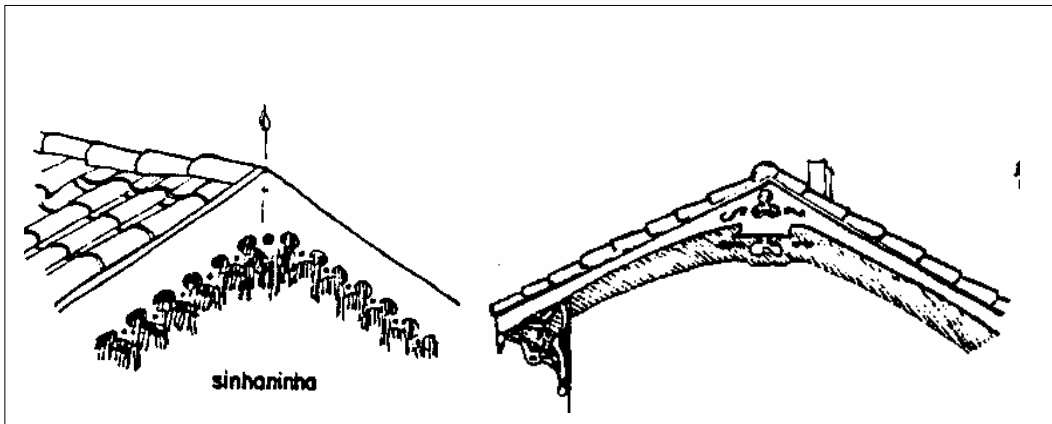


Figura 28 - Residência do Sr. Carlos Senna - Lambrequim
 Fonte: PRIJ – Programa de Revitalização Integrada de Jaguarão

a) Dados Gerais:

- Localização: Av. 27 de Janeiro, n/ 162;
- Proprietário: Carlos Senna;
- Construção: 1894;
- Condições do prédio: conservado;

b) Histórico: Esta residência de entrada lateral, está localizada no centro histórico da cidade, em frente à Praça Alcides Marques. O casarão de porão baixo, construção do final do século, linguagem formal, ecletismo historicista, cobertura em duas águas, acabamento em platibanda vazada;

c) Ambiência:

- Situação: urbana;

- Utilização: residencial;
- Vizinhança: inserido em conjunto arquitetônico;
- Quanto ao lote: recuo de um lado;
- Quanto ao acesso: um acesso;

d) Aspectos Arquitetônicos Gerais: construção de telhados de duas águas com platibanda rebuscada para a rua, planta térrea assentada sobre um pronunciado soco que abriga um porão baixo e que é precariamente ventilado por perfurações nas fachadas em ferro ou grades. A fachada que dava para a rua era ricamente decorada e ostentando sofisticados trabalhos de escultura em argamassa armada e produzidos em série. A entrada era lateral, feita por um portão de ferro batido e o acesso à casa era feito por uma varanda coberta e estruturada por colunas de ferro fundido, importados da Europa.

Esta residência teve algumas alterações na fachada e internamente foi totalmente readaptada aos dias de hoje.



Figura 29 - Residência do Sr. Carlos Adão Gonçalves
 Fonte: Foto de Lidiane Corrêa Ensslin

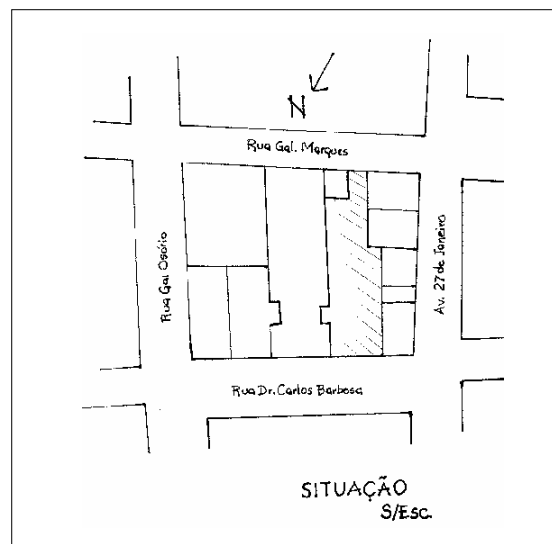


Figura 30 - Rua General Marques
 Fonte: Prefeitura Municipal de Jaguarão

a) Dados Gerais:

- Cadastro prefeitura: setor 1;

- Localização: Av. 27 de Janeiro, n/21;
- Proprietário: Carlos Adão Gonçalves;
- Construção: teve sua obra iniciada no ano de 1847 e concluída no ano de 1887;
- Condições do prédio: conservado, mas com algumas reformas e alterações internas;

b) Histórico: Pertenceu à diocese de Pelotas, sendo a casa paroquial dos padres, depois foi cedido para ser um colégio do estado (Escola Estadual de 1º Grau Incompleto Pio XII), após foi vendida à família Gonçalves.

Localiza-se no Centro Histórico da cidade, tendo fundamental importância devido a sua localização (este quarteirão encontra-se intacto).

O casarão foi feito no centro do quarteirão, de porão baixo, fachada sóbria com platibanda vazada, tendo seu programa de necessidades complexo com pátio interno e passadiço. Seu terreno atravessa o quarteirão, tendo os fundos voltados para a rua General Marques;

c) Ambiência:

- Situação: urbana;
- Utilização: residencial (1 piso);
- Vizinhança: inserido em conjunto arquitetônico;
- Quanto ao lote: encravado, no meio do quarteirão;
- Quanto ao acesso: um acesso;

d) Aspectos Arquitetônicos Gerais: apresenta recortes nas fachadas, revestimento de reboco, cobertura de várias águas, possui elementos

ornamentais nas fachadas, como: frontão, estátuas, compoteiras e cunhais, platibanda vazada balaustrada ou similar, apresenta apliques de massa sobre frontão, acima das portas e acima das janelas. As sacadas de púlpito, escadas externas. Quanto às aberturas, as bandeiras são fixas acima de portas e janelas, os marcos são de madeira, as molduras de massa trabalhada, portas de duas folhas e almofadadas, as janelas são de abrir, com postigos, os vidros são lisos.

Detalhes conservados da residência:

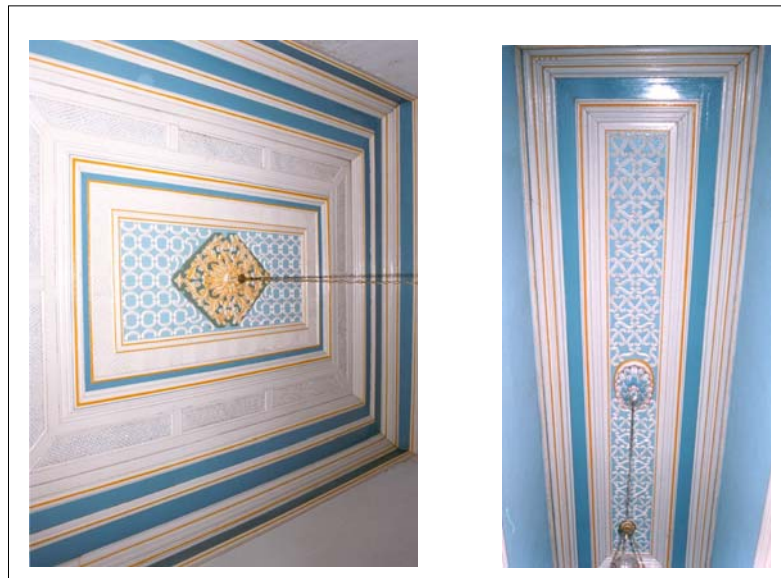


Figura 31 - Detalhes conservados da residência do Sr. Carlos Adão Gonçalves

Forro do quarto e do corredor da rua respectivamente

Fonte: Foto de Lidiane Corrêa Ensslin

Outras construções do período que se deve destaque:



Figura 32 - Residência do Sr. Antônio Carlos Marquês (1885)

Fonte: Foto de Lidiane Corrêa Ensslin



Figura 33 - Residência do Sr. Nelson Burck da Silva (1899)

Fonte: Foto de Lidiane Corrêa Ensslin

Foram construções do final do século XIX, sendo que esta ao lado esquerdo (azul) foi construída para moradia de um dos fortes políticos da época, mas não há registros sobre a residência, apenas relatos de historiadores da cidade.

3.3.3 Terceira Fase -1900 a 1920

Na virada do século, portanto, a proliferação no cenário urbano do Ecletismo deliberado, do Neogótico e das inovações da arquitetura do ferro suplantaram a linguagem oficial do Império (BELLO, 1997).

Os elementos arquitetônicos de composição de fachada começam a simplificar e a geometrizar, as platibandas mistas passam a ser cegas e vazadas.

Aparecem elementos das linguagens do neogótico, com arcos ogivais simples e trilobulados, do “*art-nouveau*” com formas assimétricas e delgadas, sinuosas derivadas da natureza, na composição dos ornamentos da fachada, grades e portões, vidros lapidados e luminárias em forma de elementos florais estilizados, surgindo também, nesta última linguagem, as marquises de ferro e vidro e o acabamento dos frontões e platibandas com pináculos e grades de ferro.

No seguimento aparecem elementos de linguagem chamada “*art-decô*”, onde todos os elementos arquitetônicos de composição da fachada simplificam-se em formas geométricas.

Outra variação desta fase é o plateresco, que não é, a rigor, uma linguagem formal, mas uma ornamentação onde se reúnem elementos mouriscos, góticos, lombardos, franceses e florentinos, produzindo um resultado

profusamente decorado, com rendilhados em painéis na parede contornando, às vezes, arcos cruzados ou em ferradura, janelas geminadas separadas por colunas salomônicas, figuras humanas adoçadas, ornamentos florais e geométricos e acabamento das platibandas em pináculos.

Muitos desses ornamentos substituem os originais permanecendo a implantação e o partido dos períodos anteriores. A construção deste período, no entanto, diminui o porão, as dimensões das esquadrias, caem as bandeiras, e o recuo lateral permanece.

Outros fatores que contribuíram para toda essa renovação construtiva e avanço tecnológico na arquitetura do período, foi a criação de escolas técnicas, a chegada de trabalhadores mais qualificados através da imigração e a importação de novos materiais da Europa. Tendo como aliado o uso do ferro, que foi totalmente inovador, sendo importado em grandes quantidades para diversos fins, mas principalmente na criação de estruturas mais ousadas, possibilitando o alcance de grandes vãos livres, que no caso do período era uma das principais inovações.

O uso de alvenarias menos espessas e mais uniformes contribuiu para um melhor acabamento das construções.

As coberturas tornaram-se mais complexas através do aumento de águas, do ponto do telhado e da proliferação de cúpulas e mansardas. A introdução da iluminação pública a gás e a implantação de redes de abastecimento de água consolidavam a revolução higienista, transformando os serviços domésticos com a inclusão de sanitários nos programas arquitetônicos (BELLO, 1997, p. 81).

Esta é a fase que possui o maior número de exemplares tanto quantitativo como qualitativo na cidade de Jaguarão, pois foi um período em que as escolhas prévias de cunho analógico ou de referência, que orientam o estilo quanto à finalidade a que se destina o edifício a ser construído. Além destes, outros fatores como a crise relacionada às atividades do campo e ao progresso industrial (com a transição da atividade artesanal e manufatureira para a industrial), as modificações das relações de trabalho, bem como a afirmação da classe operária e da classe média, fizeram com que muitos construíssem sua casa na cidade e até mesmo casas de aluguel, a fim de fazer novos investimentos e aumentar a renda da família.

c) Projetos analisados



Figura 34 - Residência do Sr. Eduardo Corrêa - Elementos de composição formal
 Fonte: Foto de Lidiane Corrêa Ensslin

a) Dados gerais:

- Cadastro inventário: setor c- 044;
- Localização: Rua Marechal Deodoro, n. 407;
- Proprietário: Eduardo Corrêa;

- Condições do prédio: conservado;
- b) Histórico: foi construída pela família de Ilda Corrêa, para sua moradia. Ela filha de família tradicional da cidade, estancieira forte da zona de fronteira entre Brasil e Uruguai.

Residência de Corredor Lateral que apresenta elementos ornamentais do “*art-decô*”;

c) *Ambiência:*

- Situação: urbana;
- Utilização: residencial (1 piso);
- Vizinhança: inserido em conjunto arquitetônico;
- Quanto ao lote: inserido no meio do quarteirão;
- Quanto ao acesso: um acesso;

- d) Aspectos Arquitetônicos Gerais: revestimento de reboco, cobertura de duas águas, possui elementos ornamentais nas fachadas, escadas externas. Quanto às aberturas, as bandeiras são fixas acima das janelas, os marcos são de madeira, as molduras de massa trabalhada, portas de duas folhas e almofadadas, as janelas são de abrir com quatro folhas e com venezianas, os vidros são lisos.



Figura 35 - Residência do Sr. João Maria Barreiros
Fonte: Foto Lidiane Corrêa Ensslin

Detalhes conservados da residência:

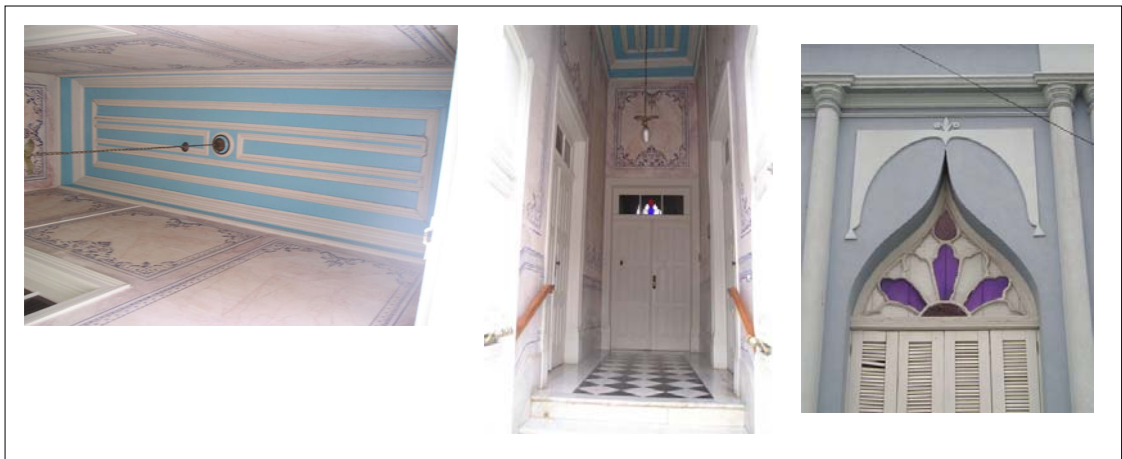


Figura 36 - Residência do Sr. João Maria Barreiros
Fonte: Foto de Lidiane Corrêa Ensslin

Devido aos erros nos dados encontrados a respeito desta residência, resolvi apenas mostrá-la em minha análise, pois sei a importância que esta construção tem para a cidade de Jaguarão.

Esta edificação foi inventariada e classificada, conforme as leis relacionadas ao patrimônio histórico como pertencente ao 3º período do Ecletismo Historicista (1900-1920), mas sua construção foi no ano de 1878.

Em sua composição há elementos ornamentais do neogótico.

Conclusão: Através do acervo do Instituto Histórico de Jaguarão e do historiador Luis Mano, que muito contribuíram no levantamento de dados do sítio, concluiu que esta residência começou a ser construída no ano de 1887, porém sua construção foi erguida dos fundos para a frente, embora apresentando elementos que caracterizem o terceiro período do Ecletismo que inicia em 1900.



Figura 37 - Residência do Sr. Rui Antônio Silva Costa
Fonte: Foto Lidiane Corrêa Ensslin

Esta residência classificada como do 3º período do Ecletismo Historicista, possui uma das portas mais bonitas e entalhadas do Estado, estando classificada entre as três primeiras.

De acordo com o trabalho da professora Ceres Chevalier, este projeto possui influência de Le Corbusier e José Isella, construtor da época na região sul. Acredita-se que as características encontradas na edificação, denominadas “BOLO DE NOIVA” têm origem na Itália.

Segundo Glenda Cruz, o termo “Bolo de Noiva” é referente à riqueza de elementos que compõem a fachada, ou seja, detalhes dos quais se assemelham ao merengue de um bolo.

3.3.4 Quarta Fase -1920 a 1940

Este é o período do “*Art-Decô*”. Nele estão os grandes casarões isolados no lote, cujas características formais não traduzem um “estilo” definido, que ficou a cargo da criatividade dos construtores, engenheiros, manuais de modelos, os quais atuavam conforme as circunstâncias locais.

Suprimiram-se as platibandas e os novos beirais lembravam mais a arquitetura campestre europeia do que a tradicional. A influência norte-americana e norte europeia intensificou-se, não só na volumetria, com as “*bow-window*”, como no partido em planta, com “*living*”, “*hall*” etc.

O Neocolonial, chamado também de “estilo californiano” surgiu a partir de 1920, sendo uma colagem de soluções da arquitetura da época colonial americana, surgida principalmente na Califórnia, como telhados revestidos de telha capa e canal ou francesa com beirais, frontões curvos, vergas de arco abatido, treliças (muxarabi), painéis de azulejos decorados, rompendo com os critérios de composição originários, criando uma série de novos elementos decorativos.

O período de uso do padrão “neocolonial” constitui-se numa transição

entre o ecletismo de caráter histórico, do qual era parte intrínseca, e o advento de um racionalismo, cuja origem foi a doutrina do Movimento Moderno onde se destaca a contribuição de Le Corbusier com sua modernidade de vanguarda, caracterizada por uma postura de engajamento, mas cuja originalidade local, no meu entender, não pode ser questionada.

Em paralelo ao surgimento da vanguarda do Movimento Moderno, o movimento Decô incorporou despretensiosamente a depuração formal e a evolução tecnológica em suas realizações, tornando-se presença marcante na imagem das cidades brasileiras.

A residência do Neocolonial tinha sua planta, seu zoneamento, seu sistema de circulação baseado nas características da moradia francesa; era invariavelmente isolada das divisas, perpetuando as passagens laterais para automóveis e os vestíbulos.

No caso da cidade de Jaguarão, a partir de 1920, ao lado dos sobrados coloniais e das casas de porão alto do final do século XIX, começaram a ser construídos vários sobrados cuja característica principal era a busca da individualidade, ou a autonomia individual da forma, responsável pela quebra da coerência e unidade ambiental-urbana existente na cidade desde o século XIX.

No Rio Grande do Sul, o neocolonial, só encontraria plena aceitação da década de 30 e seu período áureo correspondeu aos anos da II Guerra Mundial.

Por fim, estavam lançadas as premissas para uma renovação mais profunda que viria acontecer durante a década de 30. Graças ao movimento Neocolonial, foi aberta a possibilidade para alguns arquitetos revisarem a sua prática arquitetural; assumirem aspectos essenciais da nacionalidade (como o

nosso clima, nossa vegetação, nossos costumes, nossa cultura); desenvolverem estudos importantes para a compreensão da arquitetura do passado; e buscarem uma determinada unidade estilística que só foi obtida após e através do lento processo de depuração, seleção e recriação das teorias, modas e estilos que se apresentaram durante todo o período eclético, e que acabou desembocando em uma arquitetura, sem dúvida alguma, moderna, histórica e nacional (SCHLEE, 1993, p. 22)

Outro fato de grande importância foi a influência a partir de 1930 do positivismo, que de certa forma influenciou a arquitetura na criação de redes de esgotos cloacal e pluvial, e de água. Além disso, houve uma grande inovação nos novos projetos que passariam a ser construídos, pois, desse momento em diante, começaram a receber janelas todos os compartimentos da residência, tirando-lhes o aspecto de frio, escuro, causados pela iluminação indireta.

A partir de 1930 começa o período de estagnação na região sul e com isso, aos poucos, foi caindo o número de construções de moradia na cidade de Jaguarão e aumentou o número de obras públicas, ou seja, ligadas ao governo. Enfim, este fato marca fundamentalmente em Jaguarão a transição do fim do período do Eclétismo e o início do Movimento Moderno.

d) Projetos analisados



Figura 38 - Residência do Sr. Sidronio Cardoso
Fonte: Foto de Lidiane Corrêa Ensslin

a) Dados Gerais:

- Cadastro inventário: setor A;
- Localização: Rua 27 de Janeiro sem nº;
- Proprietário: Sr. Sidronio Cardoso;
- Condições do prédio: conservado;

b) Histórico: foi construída para a moradia de Tomazinho Mattos, no ano de 1922;

c) Ambiência:

- Situação: urbana;
- Utilização: residencial (2 pisos);
- Vizinhança: inserido em conjunto arquitetônico;
- Quanto ao lote: inserido no meio do quarteirão;
- Quanto ao acesso: dois acessos, pela frente e lateral;

d) Aspectos Arquitetônicos Gerais: revestimento de reboco, cobertura de várias águas, possui elementos ornamentais nas fachadas, escadas

externas. Quanto as aberturas, as bandeiras são fixas acima das janelas, os marcos são de madeira, as molduras de massa trabalhada, portas de duas folhas e almofadadas, as janelas são de abrir com quatro folhas e com venezianas, os vidros são lisos.



Figura 39 - Residência do Sr. Olavo D'Avila
Fonte: Foto de Lidiane Corrêa Ensslin

a) Dados Gerais:

- Cadastro inventário: setor A;
- Localização: Joaquim Caetano nº103;
- Proprietário: Olavo D'Ávila;
- Condições do prédio: conservado;

b) Histórico: foi construída pelo Coronel Dutra para sua moradia, no ano de 1930;

c) **Ambiência:**

- Situação: urbana;
- Utilização: residencial (2 pisos);
- Vizinhança: inserido em conjunto arquitetônico;
- Quanto ao lote: de esquina;
- Quanto ao acesso: um acesso;

d) **Aspectos Arquitetônicos Gerais:** revestimento de reboco, cobertura de várias águas, possui elementos ornamentais nas fachadas, escada interna. Quanto às aberturas, não possuem bandeiras acima das janelas, os marcos são de madeira, as molduras de massa trabalhada, portas de duas folhas e almofadadas, as janelas são de abrir com quatro folhas e com venezianas, os vidros são lisos.



Figura 40 - Residência do Sr^a Carmem Pinho
Fonte: Foto de Lidiane Corrêa Ensslin

a) **Dados Gerais:**

- Cadastro inventário: setor c- 044;
- Localização: Rua General Osório, nº 779;

- Proprietário: Sra. Carmem Pinho;
 - Condições do prédio: conservado;
- b) Histórico: foi construída por Filóqueo Dutra no ano de 1928, para sua moradia;
- c) Ambiência:
- Situação: urbana;
 - Utilização: residencial (2 pisos);
 - Vizinhança: inserido em conjunto arquitetônico;
 - Quanto ao lote: de esquina;
 - Quanto ao acesso: dois acessos;
- d) Aspectos Arquitetônicos Gerais: revestimento de reboco, cobertura de duas águas, possui elementos ornamentais nas fachadas, escadas externas. Quanto às aberturas, as bandeiras são fixas acima das janelas, os marcos são de madeira, as molduras de massa trabalhada, portas de duas folhas e almofadadas, as janelas são de abrir com quatro folhas e com venezianas, os vidros são lisos.

3.4 VILAS

As vilas eram um novo tipo de ocupação do lote, bem como a especulação imobiliária, ou seja, marcam o desenvolvimento de um mercado imobiliário e de um interesse especulativo sobre o solo urbano. Constata-se que foram erguidas principalmente por pequenos proprietários, na sua maioria portugueses, que procuravam, de alguma forma, participar do processo de acumulação de capital. Surgem na cidade, em meados da década de 30. a princípio de proprietários

particulares e depois subsidiadas por planos do Governo Federal. São casas populares, geminadas, geralmente para aluguel, mais tarde como casas próprias, com implantação em lotes distribuídos perpendicularmente a uma rua interna ou à via pública.

Gaspar Scangarelli, forte construtor das décadas de 30 e 40, foi quem construiu na cidade este tipo de projeto, encontrado nos arquivos da prefeitura. A principal vila foi construída por ele para seu rendimento e leva seu nome. É formada por dez casinhas, sendo que as duas com acesso pela via pública estão implantadas em lotes maiores; possuindo estas um programa de necessidades diverso das outras que estão em lotes estreitos perpendiculares à ruela interna que continha, ao fundo, uma bica para distribuição d'água coletiva. As últimas são construções estreitas com sucessão de compartimentos e acesso por corredor lateral externo à construção. Formam pares, duas a duas, uma cobertura com duas águas, possuindo suas plantas rebatidas. A fachada principal, voltada para a via pública é formada por duas residências maiores, cujo ornamento termina em platibandas unidas por um arco abatido que caracteriza o acesso à Vila.

3.4.1 Vila Gaspar Scangarelli

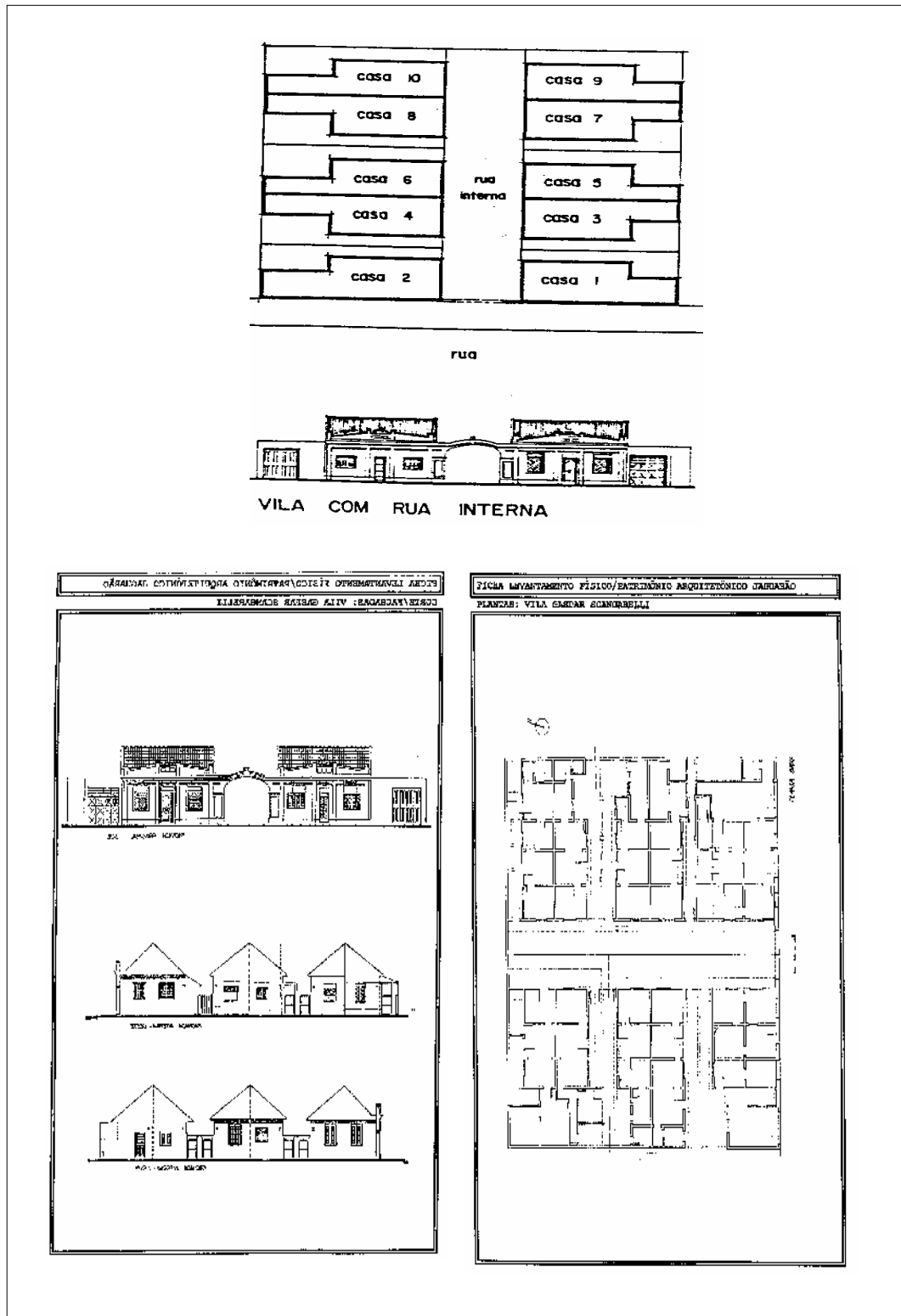


Figura 41 - Plantas da Vila Gaspar Scangarelli
 Fonte: PRIJ – Programa de Revitalização Integrada de Jaguarão

a) Dados Gerais:

- Cadastro prefeitura: setor 2/ quadra 16/ lote- vários;
- Cadastro inventário: setor E- 021;
- Localização: Rua 7 de Abril, n°986 (e outros);
- Proprietário: vários;
- Denominação: Vila Gaspar Scangarelli;
- Condições do prédio: ampliado;

b) Histórico: Gaspar Scangarelli, construtor, veio de Bagé por volta de 1930 para a cidade de Jaguarão.

Conjunto de dez casas implantadas em forma de vila, com rua interna. As de dentro são rebatidas com acesso central. Formalmente, a fachada externa possui platibanda marcando em arco a entrada da vila. Permanece até hoje a função residencial. As duas com acesso pela via pública estão implantadas em lotes maiores, possuindo estas um programa de necessidades diverso das outras que estão em lotes estreitos, perpendiculares à viela interna que continha ao fundo uma bica para distribuição d'água coletiva. As últimas são construções estreitas com sucessão de compartimentos e acesso por corredor lateral externo à construção. Formam, duas a duas, uma cobertura em duas águas, portanto suas plantas são rebatidas;

c) Ambiência:

- Situação: urbana, área loteada ocupada;
- Utilização: residencial (1 piso);
- Vizinhança: inserido em conjunto arquitetônico;
- Quanto ao lote: recuo de um lado;
- Quanto ao acesso: vários acessos;

- d) Aspectos Arquitetônicos Gerais: possui fachada plana, lisa, com cunhais, cimalha, frontão, a platibanda cega, cobertura de duas águas, apliques de massa sobre frontão, acima das portas e janelas, revestimento de reboco, portas de uma e duas folhas com postigos, almofadadas, janelas de abrir, com postigos e venezianas, portões de garagem e de acesso lateral, marcos de madeira, molduras de massas lisas, vidros lisos.

Segundo Schlee (1993), estas são algumas das soluções adotadas em plantas habitacionais: A manutenção dos esquemas de circulação ao redor de um longo corredor e a difusão de construções de forma quadrada ou retangular com uma divisão interna em cruz, configurando quatro pequenos cômodos e a latrina.

A existência obrigatória de recuos frontais. Discriminatório afastamento de, no mínimo quatro metros - mais muro e portão - só exigido para habitações de baixa renda. Dessa maneira garantia-se, em nome da segurança contra fogo, que as pequenas habitações não comparecessem na configuração das ruas, permanecendo devidamente resguardadas da vista do cidadão.

A redução e simplificação dos motivos decorativos tanto por uma questão econômica como técnica. Ocorreu o abandono dos elementos decorativos utilizados até então, como as platibandas vazadas, as estátuas de louça, os apliques de massa, as pilastras, etc, e a sua substituição por outros, bastante simplificados, como as platibandas cegas e os desenhos geométricos aplicados nas paredes. Nos chalets de madeira surgiram os lambrequins, ornatos em forma de rendilhado, ou recortes, de madeira ou de lâmina metálica, aplicada sobre as extremidades das coberturas.

O desenvolvimento de um mercado imobiliário e de um interesse especulativo sobre o solo urbano, do qual as vilas operárias e das casas de renda construídas até 1920, constata-se que foram erguidas principalmente por pequenos proprietários, na sua maioria portugueses, que procuravam, de alguma forma, participar do processo de acumulação de capital. (SCHLEE, 1993, p. 112).

Outro exemplo de vila, com suas fachadas voltadas para a via externa:

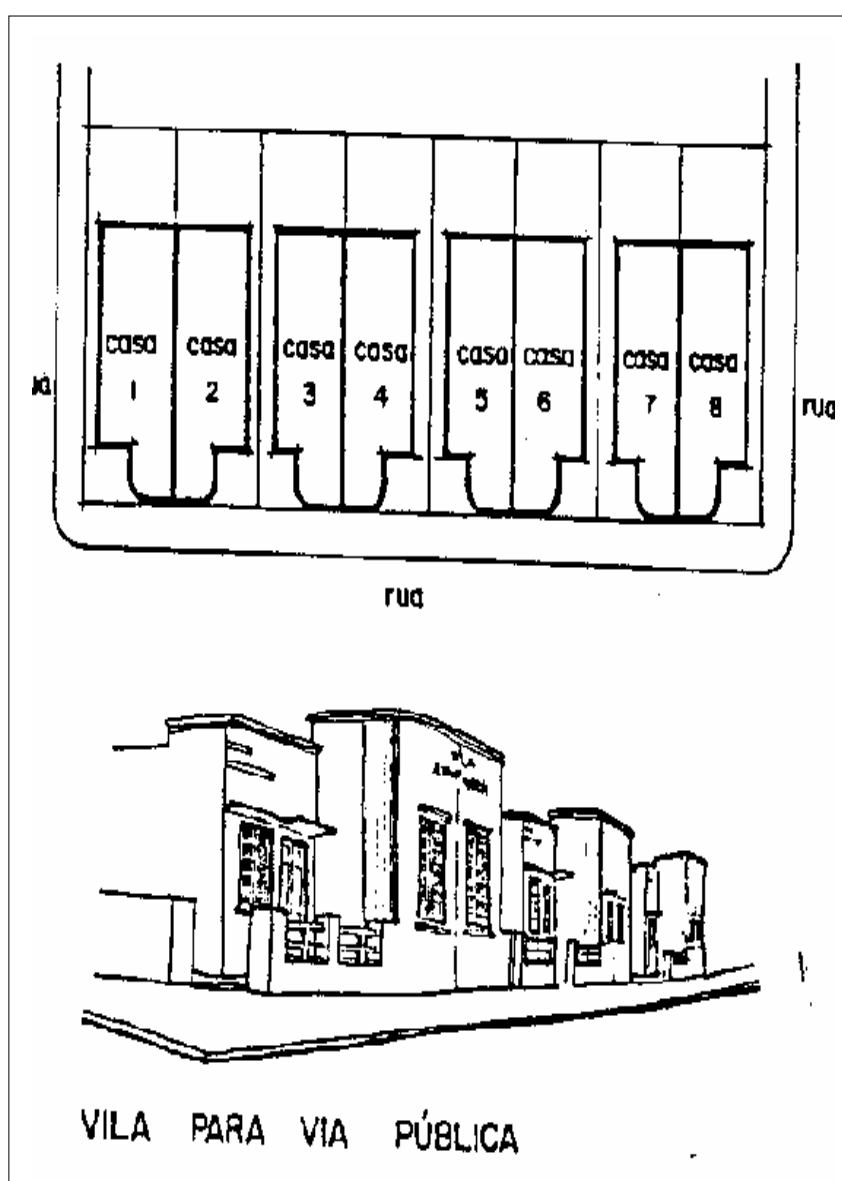


Figura 42 - Vila Scangarelli

Fonte: PRIJ – Programa de Revitalização Integrada de Jaguarão

CONCLUSÃO

O Ecletismo foi um período da História da Arquitetura que buscou no passado e, eventualmente, nas linguagens contemporâneas, uma pluralidade de tendências estilísticas, como elementos renascentistas, neogóticos, romântico italiano e de diversos outros períodos da história, que serviram de modelo nas escolas de engenharia da época, onde se pretendia ensinar arquitetura, ainda que de uma forma que qualificaríamos como rudimentar. Nesse gênero de ensino, como sabemos, não eram comum as considerações sobre as relações da linguagem arquitetônica com elementos como identidade cultural e temporal ou outros condicionantes além do gosto dominante, «moda», etc. Para efeitos de um estudo analítico, podemos dizer que o Ecletismo foi caracterizado por quatro fases distintas. Também podemos dizer que esta linguagem arquitetônica teve sua decadência decorrente da crise econômica em que se encontrava o país, fazendo com que houvesse uma simplificação formal das edificações e o surgimento de novos programas.

Acredita-se que o período eclético demonstrava o poder e o conservadorismo da sociedade da época, além de ser o caminho percorrido para a evolução da Arquitetura Moderna.

A cidade, como outras da região (Pelotas, Rio Grande, Bagé), teve sua época de grande poder aquisitivo. Seus filhos foram à Europa e de lá trouxeram muito do “gosto”, costumes e requintes para o seu cotidiano. Nessa época, passagem do século, o traçado urbano se expande, os casarões, cujos proprietários estavam repletos de ideais republicanos, passaram a ser ricamente ornamentados. Outros moradores professavam a ideologia positivista que refletia um caráter mais sóbrio em suas moradias.

A arquitetura que se construiu em Jaguarão durante o século XIX foi uma cópia não fiel do que se fazia no continente europeu e em regiões mais desenvolvidas do Brasil. As influências foram variadas, resultando num ecletismo adaptado às possibilidades locais.

De um modo geral, as pequenas cidades do século XIX, entre as quais se insere Jaguarão, estavam formadas por escassos elementos visuais dignos de menção. Não eram introduzidos conjuntos urbanos monumentais ou de certa categoria urbana e arquitetônica pois, além do distanciamento do município das demais regiões desenvolvidas, estavam muito integrados ao ambiente natural do seu entorno, marcadamente agro-pastoril. No caráter destas cidades marcava-se muito o sítio onde estava implantada e as construções arquitetônicas.

Jaguarão apresenta traços arquitetônicos que comprovam sua antiga prosperidade comercial, sustentada precisamente numa economia de fronteira.

No entorno da praça da Matriz, foram construídos algumas das principais edificações da cidade. Foi o local procurado pelos grandes proprietários de terras que, dividindo o tempo entre a estância e a cidade, buscavam nesta localização marcar seu prestígio econômico-social na região.

O século XIX foi época da edificação dos “casarões”, uma terminologia popularmente utilizada para identificar estas construções típicas da classe dominante, que os encomenda a exímios construtores que chegavam à regiões procedentes tanto da Europa como da Capital da Província.

Alguns ricos proprietários, embebecidos com a causa republicana e suas perspectivas de novos e frutíferos tempos, procuram transferir esse otimismo às suas construções, encomendando obras portentosas e ricamente ornamentadas. Outros professam a ideologia positivista de seus proprietários, que preferem refletir um caráter mais sóbrio em sua moradia.

As residências da cidade de Jaguarão, no decorrer de um século, sofreram mudanças, algumas radicais, outras não. O fator que levou a cidade a surgir foi a sua localização, sendo considerada forte de fronteira, que permanece até hoje, mas, em paralelo, na cidade desenvolveu-se um “*modus vivendi*” ocasionado por sua produção econômica baseada na economia agropecuária da região. Em função disso podemos detectar uma série de peculiaridades à cidade, mas que espelha como qualquer outra a hierarquia social econômica.

A casa popular, onde mora o gaúcho simples, da fronteira, é protegida do frio, das enchentes, as casas de “cachorro sentado” distribuem-se em diversos pontos da paisagem urbana, formando um corredor de casas multicoloridas.

Outro aspecto importante é que, por influência do clima, da situação da cidade localizada às margens do rio, do vento minuano, chuvas, alagamentos e dos poucos meses de calor intenso, vai surgindo, no partido das residências de classe média e conseqüentemente da alta, o uso do paravento, do passadiço e do pátio interno.

Quanto ao partido, as casas de corredor lateral e central apresentam um trecho público e outro privado. O primeiro fica entre a porta da rua e o paravento, este corresponde ao vestíbulo para onde dá acesso o compartimento da frente que seria sala originalmente, mais usada hoje em dia como dormitório. O acesso ao vestíbulo não é usado. Este possui, normalmente, três degraus para vencer a altura do porão baixo encontrado na maior parte dos casos. Na continuação, a casa possui uma sala para onde dão acesso várias alcovas, terminando aí a construção original com paredes mais espessas; a partir daí há um “puxado” de uma água ao lado de uma área ou pátio interno, onde se desenvolvem os serviços e o banheiro.

A casa de porta e janela, sem corredor, desenvolve-se numa sucessão de compartimentos de sala, alcovas, cozinha e banheiro.

Os casarões possuem programa de necessidades e partido mais complexo, sendo resolvido caso a caso; em alguns casos, mesmo apresentando implantação de esquina e recuos laterais, ainda apresentam alcovas, sendo muito mais uma resolução costumeira do que problema de espaço.

Quanto às casas populares e às da classe dominante, a diferença está no piso que, em uma é chão batido e na outra, assoalho.

Os materiais utilizados para piso eram assoalhos, ladrilho hidráulico ou cimento alisado. O ladrilho foi amplamente utilizado em pisos de vestíbulos, de cozinhas e de banheiros.

Na confecção das paredes, a técnica construtiva mais encontrada foi a de alvenaria de tijolos, as mais antigas, com rejunte de barro, mais espessas e as mais novas, mais estreitas. A estrutura em concreto foi encontrada nas

construções a partir da década de 30.

Os elementos formais das fachadas dessas construções seguem a linguagem eclética: platibandas mistas, vazadas ou cegas, frontões, estátuas, vasos e compoteiras sobre as platibandas. Utilizavam ainda ornamentos de massas geométricos (frisos, figuras gregas, etc.) ou florais (guirlandas, frutas, etc.). Existe uma rusticação sob as janelas, como se pedras cantaria aflorassem em relação ao terreno e salientes em relação à parede. Nestas paredes podem encontrar-se pilastras com capitéis, com volutas e folhas de acanto, de fustes lisos e canelados, de clara inspiração nos modelos neoclássicos, tão utilizados em Porto Alegre, Rio Grande, Pelotas e Montevideu. Era comum o uso de balcões e sacadas com grades. Os portões eram ornamentados com desenhos geométricos ou sinuosos.

Nos “*hall*” de entrada, banheiros, copas e cozinhas, utilizava-se para revestir as paredes, uma técnica conhecida por “escariola”, material de revestimento impermeável, que imitava o mármore e de grande durabilidade.

Enfim, a cidade de Jaguarão na passagem do século XIX para o XX, se caracterizava por possuir alguns exemplos de uma arquitetura exuberante, representada pelos casarões da classe dominante (senhores de terra e/ou grandes comerciantes); um casario que compunha a maioria das construções do núcleo urbano (pequenos comerciantes, prestadores de serviços, militares, funcionários, empregados do comércio, etc.) e uma parte de sub-habitações localizadas nos terrenos da periferia pessoas destinadas a biscateiros, [...]).

Quanto às transformações urbanas do município, foram lentas, ocorrendo momentos quase estáticos mas, como toda cidade tem esta tendência de funcionar como um organismo em constante transformação, Jaguarão não foi

diferente e isso se pode observar sob vários aspectos. Sempre houve um crescimento de população que se refletia na economia e no espaço urbano. Isso acontecia tanto pela posição político-geográfica de fronteira-limite com intensa movimentação comercial e militar e ainda pelas potencialidades de comunicação pelo porto, além do tradicional desempenho da produção pecuária.

Na região de fronteira, mais especificamente Jaguarão, a decadência foi definitiva, a euforia dos primeiros anos do século tomou conta de muitos fazendeiros que procuravam melhorar a qualidade de seus rebanhos, acompanhando o que já faziam seus vizinhos platinos. Mas o futuro, mais uma vez, não foi dadivoso com a região e novamente frustrou as expectativas daquela população fronteiriça.

É fato que alguns latifundiários criadores de gado conseguiram privilégios bancados pelo Estado através de influências políticas, porém o que se observou é que a região da fronteira sul, dependente fundamentalmente da pecuária, não induziu a um crescimento que gerasse uma futura industrialização nas suas cidades. Com a crise econômica do pós-guerra, os grupos da elite gaúcha perderam com o fim da exportação de carne, e isto repercutirá em mais uma grande crise econômica e política para a região.

De modo geral, o que se pode concluir é que as constantes crises enfrentadas pela população não impediram a realização de investimentos em atividades lúdico-culturais, o que demonstra tratar-se de uma comunidade que buscava, além do crescimento econômico, uma aproximação com o mundo cultural e artístico da época que, de certa forma, refletiam no aspecto urbano, ou seja, reflexo do crescimento econômico e repleto de preocupações estéticas em muitos de seus edifícios.

A cidade de Jaguarão demonstra, no seu contexto cultural e urbano, a oscilação e a mescla das culturas portuguesa e espanhola, enfim, uma memória arquitetônica notória, sem similar no Rio Grande do Sul, quanto ao número e ao estado de conservação dos seus prédios, um grande patrimônio de construções erguidas na segunda metade do século XIX e início do século XX, com exemplares de várias linguagens arquitetônicas.

Diversos sítios como este já perdeu a unidade e a harmonia arquitetônica, por não despertarem antes para o reconhecimento do seu valor, evitando as destigerações da explosão do crescimento urbano.

A localização da cidade, sua ligação com a Lagoa Mirim, através do Rio Jaguarão, cria um canal de integração fluvial com vários outros municípios, tanto no Brasil como no Uruguai. A proximidade com a fronteira uruguaia, que fortalece a identidade cultural da região, e a proverbial amizade entre seus habitantes são apenas alguns dos aspectos que levam Jaguarão a ser considerada uma cidade atraente, sob o ponto de vista do turismo.

O fator que levou o surgimento da cidade foi a sua localização, a demarcação dos limites de fronteira entre o Brasil e o Uruguai, tendo sua produção econômica baseada na agropecuária, fato que está até hoje.

Observa-se que a população está conscientizada em relação ao seu patrimônio arquitetônico, fato que é fundamentalmente positivo para o município.

Acredita-se que seja não só pelas dimensões da cidade, mas também por sua economia agropecuária, onde o “boom” da construção civil ainda não aconteceu.

Embora os casarões apresentem nas suas fachadas elementos formais do ecletismo, alguns mais rebuscados, outros mais sóbrios, que demonstram a riqueza de uma certa época da cidade, possuindo nas suas esquadrias, portas premiadas e cobiçadas por colecionadores, portões e sacadas de ferro, estátuas e vidros jateados com hologramas das famílias, sofrem também descaracterizações como a arquitetura popular e vernácula, por influências estas que não estão baseadas num código de posturas que ordene uma série de normas, compondo segundo regras de harmonia e proporção como o era na época da construção. Atualmente, o código existente não prevê normas para se fazer uma adaptação de um prédio histórico às condições atuais de uso, ou seja, não atua como suporte a evitar a descaracterização da cidade.

A cidade de Jaguarão merece uma ação de renovação urbana, desde que seja levada em conta a série de considerações, como: estabelecer uma política de preservação histórica e arquitetônica, análise do sítio (detectando sua estrutura e formas urbanas e sistema urbano nele inseridos). Enfim, devemos aproveitar a mobilização da população envolvida, sua conscientização, para criarmos mecanismos de intervenção urbana, até porque vivemos num país capitalista, com propriedades privadas.

O turismo é uma atividade econômica que atualmente apresenta um crescimento expressivo em várias partes do mundo e pode ser perfeitamente compatível com o interesse de preservação do município. Embora a situação econômica da região sul seja atualmente desconsiderável, é a menor rota entre os países do Cone Sul, fato que deveria ser explorado, de modo que favorecesse o potencial de crescimento da cidade, além de investimentos, em infra-estrutura que tanto se fazem necessários. Além disso, é importante considerar o processo histórico de desenvolvimento do município e da região.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

APONTAMENTOS para uma Monographia de Jaguarão. Jaguarão: Intendência Municipal de Jaguarão. Porto Alegre, 1912.

BELLO, Helton Estivalet. **O Ecletismo e a imagem da cidade:** caso. Porto Alegre, 1997.

DISSERTAÇÃO (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional)- Porto Alegre: UFRGS, 2002.

COSTA, Lucio (1962). **Sobre arquitetura.** Porto Alegre: CEUA, 1962.

D`EU, Conde. **Viagem Militar do Rio Grande do Sul.** Belo Horizonte: Itatiaia, São Paulo: EDUSP, 1981.

ÉPRON, Jean Pierre. **Comprendre l'eclectisme.** Paris: Norma, 1997.

FRANCO, Sérgio da Costa. **Origens de Jaguarão (1790-1833).** Porto Alegre: Instituto Estadual do Livro/RS e Universidade de Caxias do Sul, 1980.

FORSMANN, Eric. **Dórico, jônico e coríntio.** Lisboa: Presença, 1999.

LAVIN, Silvia. *Quatrecent years of Quincy and the Invention of a Modern Language of Architecture*, Cambridge: Mit Press 1992

LE MOS, Carlos A. C. *Alvenaria Burguesa*, São Paulo: Editora Nobel, 1985

_____. *História da Casa Brasileira*. São Paulo: Editora Contexto, 1978

_____. *O que é Arquitetura*. 4ª Edição: São Paulo. Editora Brasiliense, 1986. (Coleção Primeiros Passos, 51)

MAHFUZ, Edson da Cunha. **Ensaio sobre a razão compositiva**. Viçosa, MG: UFV/AP, 1995.

MICHAELIS, **Dicionário Eletrônico de Português**, 1998.

OLIVEIRA, Ana Lúcia Costa de. Maurício Borges Seibt: Programa de Revitalização Integrada de Jaguarão. Pelotas: Editora Universitária UFPEL, 1992.

PEDONE, Jaqueline Viel Caberlon. **O Espírito Eclético**. Porto Alegre: PROPARG - UFRGS, 2002.

REIS FILHO, Nestor Goulart: Quadro de Arquitetura no Brasil. 2ª Edição, São Paulo: Editora Perspectiva 1973 (Coleção Debates, 18)

SCHLEE, Andrey Rosenthal. **O ecletismo na arquitetura pelotense até às décadas de 30 e 40**. Porto Alegre: UFRGS. 1993.

SILVA, Elvan. **A forma e a fórmula: cultura, ideologia e projeto na arquitetura renasçença**. Porto Alegre: Sagra, 1991.

_____. **Matéria, idéia e forma: uma definição de arquitetura**. Porto Alegre: UFRGS, 1994.

_____. Sobre a renovação do conceito de projeto arquitetônico e sua didática. In: COMAS, Carlos Eduardo (Org.). **Projeto arquitetônico: disciplina em crise** disciplina em renovação. São Paulo: Projeto, 1986.

_____. **Uma introdução ao projeto arquitetônico**. 2. ed. Porto Alegre: Universidade/UFRGS, 1998.

WEIMER, Günter (Org). **A Arquitetura no Rio Grande do Sul**. Série documentada. n.15, Porto Alegre: Mercado, 1983.

_____. **A vida cultural e a arquitetura na República Velha Rio-grandense 1889-1945**. Porto Alegre: EDIPUCRS, 2003.

_____. **Ecletismo na Arquitetura Brasileira**. Porto Alegre: Nobel Edusp, 1987.